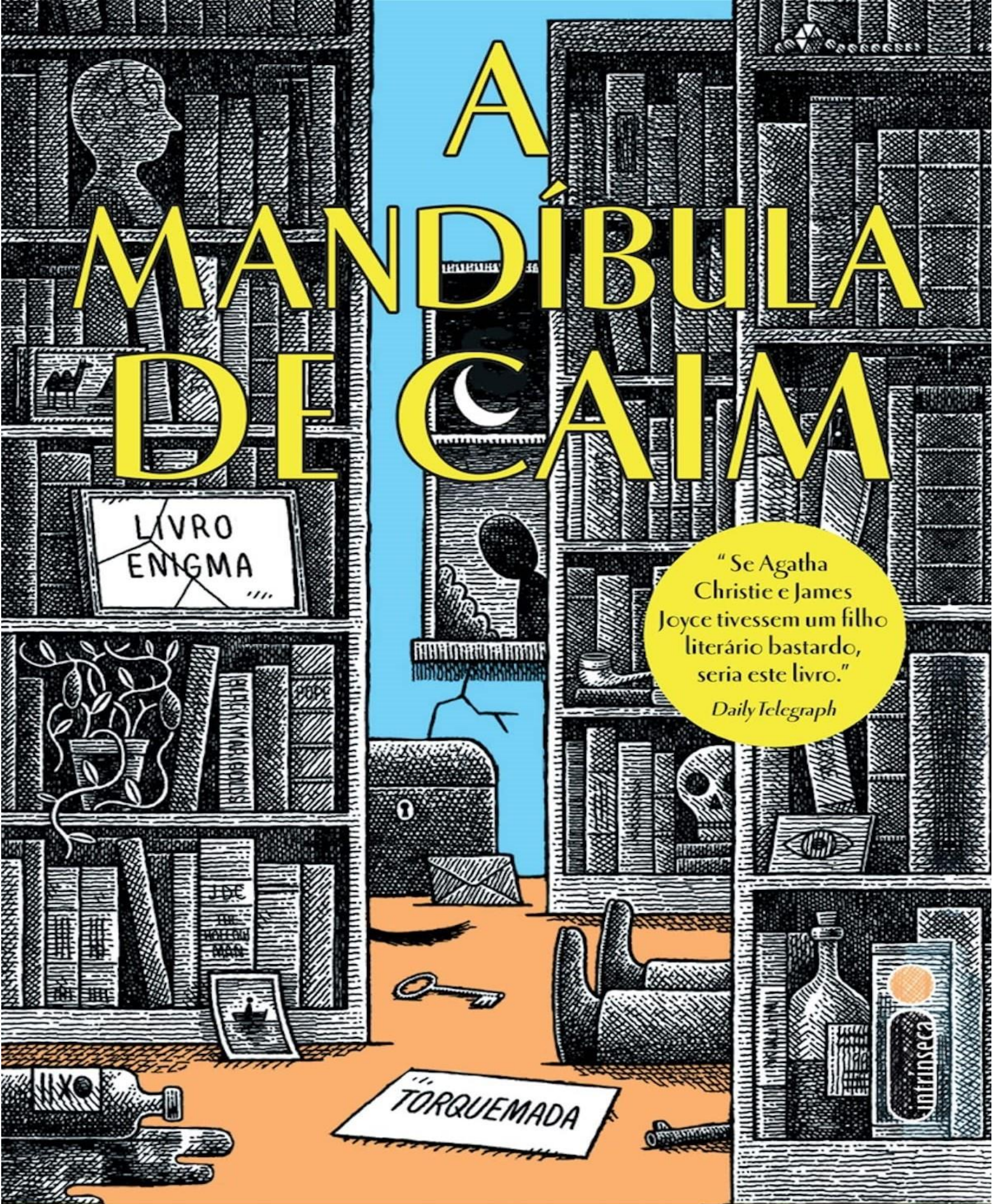


A MANDÍBULA DE CAIM



"Se Agatha Christie e James Joyce tivessem um filho literário bastardo, seria este livro."

Daily Telegraph

O quebra-cabeça literário mais terrivelmente difícil do mundo.

A MANDÍBULA DE CAIM

TORQUEMADA

Tradução de Myra Marple



Publicado originalmente no Reino Unido por Victor Gollancz LTD, 1934.
Esta edição foi publicada pela primeira vez no Reino Unido pela Unbound, 2019.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

TÍTULO ORIGINAL
Cain's Jawbone

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Theo Araújo

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA
Mecob

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Tom Gauld

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M378m

Mathers, E. Powys (Edward Powys), 1892-1939
A mandíbula de Caim : torquemada / Edward Powys Mathers ;
tradução Myra Marple. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
216 p. ; 21 cm.

Tradução de: Cain's Jawbone

ISBN 978-65-5560-442-9

1. Ficção inglesa. I. Maple, Myra. II. Título.

22-80305

CDD: 823
CDU: 82-3(410)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

UMA NOTA SOBRE O AUTOR

O quebra-cabeça Torquemada foi publicado pela Gollancz em 1934 e escrito por Edward Powys Mathers (1892-1939).

O *nom de plume* do autor era Torquemada, nome ligado à Inquisição Espanhola, pois Edward Powys Mathers (conhecido pelos amigos como Bill) acreditava que um quebra-cabeça devia ser extremamente difícil, mas igualmente compensador uma vez solucionado. Ele introduziu na Inglaterra as palavras cruzadas enigmáticas em 1924 através das páginas do jornal *Observer*.

Os britânicos adoram um quebra-cabeça e são muito ligados a compiladores de palavras cruzadas, sempre ansiosos pelo quebra-cabeça da semana seguinte, e Torquemada tinha muitos apoiadores fiéis. John Dickson Carr (autor de *The Hollow Man*, eleito o melhor suspense policial de “quarto fechado” de todos os tempos) era seu amigo. Ele acreditava que “jamais houve um homem com tão vasto conhecimento da ficção sensacionalista. Torquemada do *Observer* lia tudo que estava sendo escrito... e também já estava a par de tudo que fora escrito. E jamais esqueceu nada disso”.

Powys Mathers era tido como um tradutor brilhante e foi responsável pela edição de *As mil e uma noites*. O belo poema “Black Marigolds” (um dos prediletos da laureada poetisa britânica Carol Ann Duffy) foi outra de suas contribuições. Mathers também era um crítico literário especialista em resenhas de ficção criminal.

Em 1934, ele publicou uma seleção de seus quebra-cabeças com o título de *O quebra-cabeça Torquemada*. Assim como algumas palavras cruzadas gloriosamente difíceis, o livro continha antístrofes, jogos verbais, telésticos, acrósticos triplos cruzados e anagramas — o suficiente para manter uma família ocupada durante semanas.

As últimas cem páginas do livro contêm o romance-quebra-cabeça *A mandíbula de Caim*.

VOCÊ É CAPAZ DE SOLUCIONAR O MISTÉRIO CRIMINAL DE TORQUEMADA?

Tenha certeza de que *existe* uma ordem inevitável, aquela em que as páginas foram escritas e que, embora a mente do narrador possa se mover para trás e para a frente vez ou outra no estilo moderno, a narrativa segue adiante, incessante e inequivocamente, da primeira à última página.

Alerta: este quebra-cabeça é extremamente difícil e não recomendável para os que têm coração fraco.

Aos leitores que quiserem saber se conseguiram encontrar a resposta certa desse quebra-cabeça, a Intrínseca receberá a folha de respostas a seguir, no seguinte endereço:

Rua Marquês de São Vicente, 99 / 6º andar
Gávea- Rio de Janeiro- RJ
22451-041

A editora entrará em contato,
caso a resposta completa esteja certa.

Digitalizado por

O Fantasminha Tradutor



Nome: _____ Número de telefone: . . .

E-mail: _____

Para saber se realmente acertou, escreva uma breve explicação de como a solução foi obtida, nomes completos dos seis personagens assassinados e seus respectivos assassinos, além da ordem correta das cem páginas do livro.

Notas sobre como você chegou à solução:

Pessoa assassinada

Ex: John Doe

Ex: Blanche Talmonds

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

Assassinado por

Ex: Elizabeth Lazenby

Ex: Thomas Atkins

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

Página impressa 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25
Ordem correta -----

Página impressa 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50
Ordem correta -----

Página impressa 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75
Ordem correta -----

Página impressa 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100
Ordem correta -----

INTRODUÇÃO

Em 1934, o compilador de palavras cruzadas do *Observer*, Edward Powys Mathers, escreveu um romance ímpar: *A mandíbula de Caim*. A obra, que faz referência à primeira arma assassina de que se tem notícia, foi escrita sob o pseudônimo de Torquemada. A história não só era um suspense policial, como também um dos quebra-cabeças mais intrigantes já publicados.

Dizia-se que as cem páginas do romance — originalmente publicado no *Livro de quebra-cabeças de Torquemada* — haviam sido acidentalmente impressas e encadernadas fora de ordem, convidando o leitor a reordená-las, solucionar os mistérios e revelar os assassinos. Existem milhões de combinações possíveis para as páginas, mas apenas uma ordem é a correta. O quebra-cabeça é extremamente difícil e só foi decifrado por três leitores; a solução do problema permanece em segredo.

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Caro leitor,

Este romance precisa de você. Não aprecia monólogos solitário. Nasceu para o diálogo, para ouvir suas ideias. O espetáculo começa quando você chega. Depois, somente as cortinas se abrem.

Como um ator e, ao mesmo tempo, espectador. O livro precisa de um Tu. É um tabuleiro de xadrez a convidar os jogadores. Foi uma longa espera, leitor, convenhamos. Longa e sentida. Mas o que importa é chegar.

Mantenha os olhos abertos. Leia “além do que existe na impressão”, segundo Jorge de Lima. São muitas mudanças de plano. Metamorfoses da língua. Mosaicos vivos. Quadrados mágicos, a que recorreu Osman Lins. Remate de palavras cruzadas. Recobre a atenção. Tantas sereias e Ulisses sozinho. Este livro jamais termina. Há quatro anos adentrei a narrativa. Já não consigo, e nem pretendo, abandoná-la. Talvez, leitor, nos encontremos no meio da história. Conheço alguns bares nestas páginas. Uma xícara de café? E juntos decidimos um caminho, que se desvende parte de um enigma. Um desafio refinado, quebra-cabeça dúctil, cujas peças podem crescer ou diminuir, sem alterar o desenho, com seu conjunto, móvel e plural.

Os entendidos dão três soluções ao livro. Tenho uma ideia, mas não darei o *spoiler*. Mesmo porque cada combinação é dinâmica. Se hoje parece uma coisa, amanhã é outra.

Quem adentra esse mundo 3-D, torna-se coautor da narrativa, segunda alma de Edward Powys Mathers.

Para uma ideia da paisagem, cito o verbete “dogma” do *Etimológiário* de Maria Sebregondi: “s.m. (do ingl. ‘dog’: cachorro) — irrefutável verdade canina. As trocas e as metáteses

entre etologia e teologia revelam que os cães têm indiscutivelmente razão: o cão *é o* espelho de deus (*dog/god*).” Espelho, forma invertida, ludismo, deriva e combinação: eis alguns pontos centrais para completar a viagem de Powys Mather.

A que horas marcamos nosso encontro aqui dentro cúmplice-leitor e colega de aventura?

Marco Lucchesi

[1]

Sento-me sozinho à mesa que me foi designada e pego a caneta para fazer, a quem interessar possa, o relato preciso do que deve acontecer. Rotulem-me de nervoso, visionário, como preferirem; ao menos esta canetazinha, esta Aquarius sarapintada preta e prateada, com sua pena temperada por encomenda em Amsterdã, é gananciosa. Não tem tido muito trabalho desde que atuou com a maior agilidade para o velho falecido. Enquanto contemplo o mar, Casy Ferris passa de olhos baixos. Claro, hoje é o dia. O pai dela me lembra uma morsa malsã. Mas a moça, suponho, necessariamente tem alguém. A St. Lazarus -in-the-Chine já se encontra, sem dúvida, repleta de gente. Eu a considero estouvada; mas não é da minha conta. Onde acima das tumbas dos mártires choram os maçaricos, lembre-se bem meu coração! Curioso que ele me venha tanto à cabeça hoje. Espero que seja acima de peixes mortos que paire a algaravia dos pássaros. Mas todas as gaivotas que se prezam amam um marinheiro. Que horror.

NOTAS

[2]

Fui à fonte unia última vez. Os poucos números e letras nadaram até onde eu estava. E eu os engolfei. Não sobrou nada. Olhei à volta. Concluí ter empregado bem meu dinheiro. Londres é assim; recebe de volta o filho pródigo com uma espécie de indiferença cálida. A beleza da mulher, dei-me conta, era profunda; seu vestido creme, contrastando com a pele plena de colorido, que me era visível, embora mais como a alvura de encontro a um gaio sepulcro de tijolos do que a neve de encontro a rosas. Sim, era uma beleza terrível, tanto quanto me era possível ver, e me lembrei das linhas duras: o que varreu do mapa cem mil almas; ainda assim estou vivo. Mas ele não; o autor havia curiosamente morrido hoje. E de novo eles seguiram nesse caminho três ou quatro dias; mas foram, cada um deles, todos carregados para o grande fosso antes que estivesse de todo cheio. Por onde andava Henry? Ah, lá estava ele de pé ao lado dela, próximo o bastante para tocar o rosto pequeno e cintilante que encimava o pescoço de forma bem semelhante a uma campânula em seu canteiro. Acaso ela lhe agradava?

NOTAS

No meu encontro com Clement ontem, ele foi bastante específico: em média, menos de vinte mil jardas — dezessete mil e seiscentas, para falar com precisão —, uma razão completa da maravilhosa substância do assassino, um modesto ato de justiça no fim de menos de uma semana e depois a substância gloriosa para todo o sempre. Senti-me em excelente forma quando tomei minha segunda pílula. Ao menos estava a caminho, pois eu chegara à metade mais relevante de uma editora; eles sempre haviam sido muito bons comigo, haja vista Austin Freeman, Oppenheim e Mary Roberts Rinehart. Ah, minha mãe odiou vê-la partir, pensou nela a semana toda, aguardou sua volta meses a fio. E aí há uma frase esquecida. Mas a mulher indígena nunca retornou nem se ouviu mais falar dela. Era de fato uma pena que Hodder não fosse ali: que nome sonoro para uma cidade! Meus sinais são uma capa de chuva e sapatos confortáveis. Nenhum amigo se sente à vontade na minha poltrona. Não tenho poltrona.

[4]

E realmente acho que teria preferido o título cunhado pelo Maestro Jimson, agora que esta abominação empilhada se encontra de fato diante de mim. Mas a rainha está acima da lei. A chuva que chegou pesada já estia. Lá se vai, alegremente pulando de uma poça para outra, o empertigado Sir Roland Mowthalorn decidido a comprar da ressaqueada Annie atrás da igreja a cotidiana flor de lapela. Lembro-me claramente, talvez porque estivesse alerta com outra finalidade, de como o pai de Sir Roland, Sir Weedon, certa vez viu Henry tomar o partido de Lesurques e o confundiu com o Cirque d’Hiver. Em lugar de explicar realmente, ela me aponta satisfeita um garotinho prestes, segundo diz, a cair no mar. Viro a cabeça e não vejo garotinho algum. Talvez já tenha se afogado. No cúmulo nevado acima do laranja aparentemente existe agora um buraco. Ela me diz para macerar tudo com uma colher. Como se tivesse dito para macerar com um taco de ferro. Mas como é linda. Devo nutrir suspeitas a seu respeito?

NOTAS

Odeio o fato de meus olhos serem atraídos pelo que não me diz respeito: a bagagem do jovem recém-chegado. Mas ali estavam estampadas duas letras para todos verem. Thomas Hardy também as tinha, e meu tio médico havia sido precisamente o reverso na guerra. E eu precisaria abolir os pontos, concluí de maneira fútil, para chegar a algo vagamente budista. Ele seguia falando de Browning. Eu mesma sempre usei Bisto e de todo jeito Henry, o anjo, servia àquela que viria a ser sua vítima número cinco um coquetel — partes iguais de vitríolo e aguardente de maçã — no alto do farol em ruínas. Incontinenti, empoei o nariz. Ele me disse, pelo que consegui entender, que uma bonita chamada Evelyn Hope estava morta. Que Hopes eram esses? Acaso alguém conhecia a família? O que realmente me irritava de forma insuportável era o jeito como ele presumia que eu preferisse ouvi-lo falar de Cerebos e Cerebos e Cerebos ou coisa parecida a ajudar o coitado do Henry.

[6]

Avaliei aquele venerado cujo inverno Aquiles pensou em tirar dos lábios de Créssida. Por que não? Acendi uma extremidade dele, regozijando-me, e foi benéfico para os meus nervos. Podia ser um Electric Febrifuge; mas ruim para a febre intermitente da vida. Seu ingrediente ativo finalmente me decepcionara. Sou uma pessoa generosa. Apresentei o entusiasta de jardinagem à dedaleira. Ele agradeceria se soubesse. Sim, eu estava fazendo o máximo possível pela moça tão querida. Gostaria de chegar a uma conclusão (ela decerto ficaria satisfeita) a seu respeito. Se entrássemos em acordo — e isso era relevante para uma mulher —, ela não precisaria mudar as iniciais nas calças. Pensei no velho quarto de hóspedes nessa mesma casa, que acolhia a sra. Gay nas ocasiões em que a visitava. Quando eu ficava doente, me botavam lá para dormir, com o único cordão da campainha existente pendendo direto atrás da minha cabeça. Logicamente eu tinha pesadelos com a Banda Malhada e saía gritando pela casa.

NOTAS

Eu fora dormir na véspera depois de reler *Typhoon*. A obra sempre me pareceu notável. Eu estava na parte em que Charles Victor Hugo Renard-Beinsky acorda mais cedo que de hábito para atender à convocação do juiz investigador. Mas aquela frase me atingiu como uma lufada do vento sul Firth of Forth, que se esvai no pó de carvão pela manhã. Eu investigara; mas quem acreditaria em um investigador que não fosse da Baker Street? Eu era um juiz, mas sem toga sombria e sem mecanismos para tornar meu julgamento eficaz. Senti que precisava de alguma coisa. Acaso me confortaria um sumo limoso e seu concomitante odor? Experimentei e senti alívio. Alguém me aconselhara, dias antes, a ler *Conrad em busca da sua juventude*, ou seria *velhice*? Nunca sei ao certo. Mas sempre achei impossível de ler, tão distante do inglês quanto os poloneses, e não pretendia tentar de novo.

Estaria eu começando a emular o monstro de olhos verdes? Investiguei o corpo diante de mim com a ajuda de um vidro poderoso. Ao menos sempre o considerei poderoso, pois jamais consegui entender direito como funcionava. Eu sabia que meu corpo devia ter o maior comprimento possível. Por fim, me dei por satisfeito. Medí a distância cuidadosamente com os olhos: mais de um metro, calculei. Presumi a partir do que ele disse que Guido fez sua última aparição hoje no berço da mortadela — secretamente eu sabia como era ótima — e que na mesma data Kilmarnock e Balmerino perderam ambos a cabeça. Mas não me convenci de que houvesse aí uma relação de causa e efeito. Desejei pela centésima vez ter um cérebro melhor. Mais tarde ela estava usando o mesmo laço — pessoalmente eu odiava laços —, e dessa vez ele juntou as pontas e podou a da esquerda. Em seguida, virou de leve o que tinha nas mãos; de modo que o objeto penetrou por completo em seu alvo. Depois, ele girou o botão preto e a voz do sr. Hall nos engolfou. O botão ficou preto e vermelho.

O som de uma campainha, semelhante ao de um mosquito agourento, acaba de me chegar aos ouvidos. O dedo que o produzira, eu sabia, era o indicador de uma das mãos mais habilidosas, mão essa que eu comandara, mão que me resgataria do constrangimento, ainda que me despertasse uma vaga desconfiança. Ora, se os subalternos não nos dão bom exemplo, para que hão de servir, afinal? Aparentemente, como classe, eles não têm noção alguma de responsabilidade moral... É preciso estar alerta a essas questões. Supus que acabaria por aproveitar a coisa toda à medida que me habituasse. Novamente a campainha, e depois uma sensação de passos distantes. Agradou-me o homem ter vindo; o tempo não era ilimitado. Lembrei-me de que, ao retornar após uma ausência de quinze dias durante a qual meu assistente, Charles Day, me substituíra nas minhas palestras sobre mineralogia na Universidade Peebles, flagrei o que a mão indelicada deixara no quadro de giz: “Enquanto é Dia precisamos realizar a obra daquele que me enviou; pois está chegando a Noite, quando ninguém pode trabalhar.”

Então chegou o dia do Jacinto. Ele riu quando se lembrou disso, enquanto dávamos uma volta pelo jardim, e disse que já era demasiado tarde para o dia de Jasmim, de todo jeito. Eu gostava de ouvi-lo rir, e achava um absurdo ele ser chamado pelo nome daquilo que o humano Boots não entendia. A forma como o último se expressava me parecia infantil; por que razão nós, logo nós, devíamos usar o singular no lugar do plural e o plural no lugar do singular? Voltaram no tempo dois dias e formularam a aposta feita entre ambos, até quase me fazerem uivar. Se ele conquistasse três pontos, ela lhe ficaria devendo uma caixa com cem cigarros egípcios — Gourdoulis —, e se ela vencesse, ele lhe daria três pares de meias cor de orvalho do amanhecer, de dez polegadas. Pareciam muito animados acerca da coisa toda. Ela fazia ondular sobre a sopa longas lágrimas de pérolas cultivadas. Gotas pingentes, como chamava minha mãe, algo que nunca tolerei; provavelmente por pertencer ao outro lado da família. Minha dona as usava; seria por isso que eu já começara a me cansar dela?

Se Henry estivesse lá, ele poderia ter me dito o que fazer. Sua voz potente, treinada e partida na barra do cabrestante, sem dúvida me poria de volta nos eixos. Lágrimas brotaram em meus olhos. Eu era, supus, uma boboca emotiva. Assim, voltei e aguardei em Orchard, recordei, onde naquela tarde foi parar, cego, o meu verdadeiro amigo Ravager, que sempre foi bom comigo desde quando éramos praticamente crianças, e que jamais se importou com as minhas pernas atarracadas. Muito tocante. Mas eu não precisava chorar por conta do fim do segundo cão, nem choraria mesmo. Henry me ensinara um pouco do seu ofício, e isso, por mais curioso que pareça, foi o que gravei. Afinal, o jornal de ontem falara de muitos homicídios na Irlanda. Eu não concordava totalmente com De Quincey em sua tese de que assassinatos na Irlanda não contam. Mas talvez fosse uma lembrança otimista que me levava a crer que coisas assim não aconteciam quando a velha e querida rainha estava viva.

Esfreguei os olhos e massageei as têmporas com as pontas pronadas dos dedos. Depois botei dois comprimidos de aspirina na boca: a obsessão de Noël Coward. Eu estava com uma dor de cabeça horrível. A cabeça do meu interlocutor não parecia doer, reparei, inclinada sobre os documentos. É indigno de um cavalheiro ler a inscrição de uma cigareira que tem dono. Peguei-me um tanto indevidamente distraído. O que, especulei, diria o sujeito sobre um testamento indevido? Ele talvez atendesse pelo mesmo nome do homem que escreveu: “Ah, acaso cavas na minha cova?” No entanto, criatura mais branda que essa poucas vezes eu vira. Se envergasse veludo, sim, mereceria a minha confiança; mas não se vestisse farrapos, de forma alguma se vestisse farrapos. Ainda assim os olhos atentos focavam o texto como pequenas tochas de topázio. Eu extrairia, concluí, o que quisesse desse homem. Mas então, de repente, me lembrei das palavras da poeta:

A figura áurea se foi dos banquetes
Ela, amada de Atimetus,

*Rintrah, onde escondeste a tua noiva?
Pranteia ela em sombras no deserto?
Ai! meu Rintrah, traze a amável Ocalythron ciumenta*

Então, antecipando uma possível invasão da minha privacidade, belisquei minhas bochechas alvas até que corassem. A sorte não me sorriu. Ele era um típico lavrador, com uma barbicha Newdigate, como chamariam em Bloomsbury. Como a que usam os poetas iniciantes concorrentes ao prêmio Newdigate em Oxford, suponho. Ancorou-se pesadamente, acenando de maneira ostensiva com um cachimbo vazio. Henry agora estava inclinado sobre o outro corpo, assoviando por entre os dentes. O que eu teria feito?, perguntei-me. Na verdade, esse tipo de coisa de certa forma era natural para mim. Desejei dispor de água sem precisar ir buscá-la. Lembrei-me, lógico, de que havia ali um manancial construído em 1597 bem na praça do Mercado. Mas de nada me adiantava. De modo geral, achei que teria tanta audácia quanto o meu querido herói. Mas nunca se sabe.

Minha audição ia ficando aguçada, e pela primeira vez ouvi claramente a mulher dizer: “Vai deixar tudo nas minhas mãos?”, indagou ela, e pude jurar que seu acompanhante levou um susto. Vendo então, ou pensando ver, o erro que cometera, ele respondeu: “Você precisa fazer o que achar conveniente, May.” Afinal, não era da minha conta. Alguns fragmentos dispersos de carne ainda jaziam em meio a poças de vinho derramado. Ao meu sinal, Henry se curvou e limpou tudo. E não percebi nenhuma urgência para voltar a escutar, pois fez-se uma pausa durante a qual ambos me pareceram ocupados com os próprios pensamentos. Assim como eu. A voz lembrava a de Janetta Sheringham, embora não fosse igual. Como havíamos rido naquele dia no campo de feno, quando John se sentou em cima dos pãezinhos com manteiga, improvisamos jogos com fios de palha e fingimos que um grilo era um cavalo de batalha, com armadura e testeira, mágico e alado.

Agora, calculei, no meu querido Lyons, a noite já atingira a maioria e me perguntei se por aqui um dia fariam o mesmo. Imagino quanto embaraço e preciosismo haveria, por exemplo, se a BBC um dia assumisse a direção. Instituição estranha; mas as notícias em primeira mão sempre despertavam interesse. Sim, caso sentada à minha mesa de costume com Bart mordiscando meus mocassins, me fosse possível transmitir a coisa toda eu deixaria a cargo do po deroso coração da Inglaterra lidar com isso. Naquele mesmo dia, lembrei-me, outra coisa pavorosa acontecera. John Hewit e Sarah Drew, que eram noivos, trabalhavam juntos numa plantação de cevada quando foram atingidos e mortos por um raio. Alexandre, o único papa na minha língua nativa digno de nota, ficou nitidamente abalado. Meu xará escreveu uma carta na qual dizia que o olho esquerdo de Sarah fora ferido e havia em seu seio uma mancha negra. O noivo ficou totalmente calcinado; mas não se achou sinal de vida nem num nem noutro.

As sobrancelhas de alguém a esse alguém pertencem. Sempre pensei assim. Embora eu me lembre de um caso — o da tia Mary, para falar com precisão — em que isso não era fato. Ela o conhecera depois da explosão, é claro; quando se apresentou um convite para jantar com uma ida ao Highgate Empire, onde com efeito se apresentavam quagas treinados, ela se entregou nas mãos do homem que fizera correções, se é que ali havia algo a corrigir, o Balé Russo. E elas caíram, naturalmente, como duas taturanas peludas dentro do *consommé* durante o jantar. Os velhos tempos. O Highgate Empire, onde Wilkie Bard, como Lauder não disse, falava do seu amor e com ternura também eu cantava o meu. Finalmente, as duas pestes silenciaram seus gritos agudos de disputa por viscosas quase transparências coloridas e me encararam com olhos esbugalhados enquanto eu aplicava kajal nos meus. Bill sempre as chamava de duas meias-luas escuras [as sobrancelhas]. Será que eu deveria fazer um esforço e voltar para Henry? Ele estava pronto para amar. Isso ao menos era óbvio.

Estou convenientemente localizado, com o Moon de um lado e o Dawn do outro. Convenientemente localizado para algumas coisas, quero dizer. Lá está o jovem Sawnie, por exemplo, estacionando seu Quatro-portas com cara de mareado. Lamento. Ele está tendo problemas com a fechadura. Jamais experimentei pessoalmente esse troço; é ruim para a firmeza da mão. E sua primeira visita ao Moon hoje, tão somente a primeira. Quase chego a desejar ter provado o Lapsang. Lembro-me de ter recebido certa vez sete libras de Lapsang da Grace Tea Company. Ou o Monin, muito fino, de sabor delicado. Por que frequentar pubs? Decerto não haveria Monin no bar. Sim, trata-se de Kate Somerset, com um ar de evidente orgulho. E aquele deve ser ele. Pobre criança. Ah, aí vem ela. Desliza qual um lírio dourado sobre a cadeira oposta. Meu coração dá uma meia cambalhota no peito e depois se aquieta. Ela é muito bonita. Por que eu acharia sua beleza de certa forma sinistra? Será, talvez, porque eu fareje matrimônio no ar?

Debati alguns trechos com o homem, e ele se mostrou defensivamente ignorante em suas contribuições para o nosso debate. Pode pular o capítulo sobre a Queda da Rupia. É um pouco sensacionalista demais. Até esses problemas metálicos têm seu lado melodramático. Mas acaso eu lhe teria pedido que me encontrasse não fosse por dinheiro? Muitas verdades, refleti, são ditas em tom de brincadeira. Como algo muito distante numa enorme casa abandonada, que para o coração dolorido pode induzir o acionamento de um alarme em um porão abandonado, minha desconfiança fez um movimento para escapar, um movimento de parto num remoto e vazio subterreno da minha mente. Quando olhei para ele, percebi que um único prato não o satisfaria. Como disse o meu xará, nem toda carne é uma mesma carne, mas uma é a carne dos animais e outra a dos peixes e outra a das aves. Eu jamais encontrara uma pessoa realmente cruel até então. Senti-me bastante amedrontado. Tenho muito medo de que a aparência dele seja igual à de qualquer um.

Ontem, ele trouxe um outro da sua espécie, que admitiu que ela havia feito tudo sozinha. Ele girou o botão lustroso e a voz do sr. Hall encheu novamente o aposento. Eu o ouvi resmungando que era adequado que a Comédia Humana não pudesse se estender além de hoje. Eu, por mais surpreendente que pareça, gostava de música. Surpreendente, quero dizer, para qualquer um que desconheça que o meu pessoal seja oriundo do mesmo lugar de origem dos McCrimmons, aquela famosa raça de musicistas hereditários. Fiquei um bocado atônito por tê-lo ouvido falar alguma coisa a respeito de alguém que foi por virtude primeiro, depois por escolha, uma rainha. Digam-me, se não foi ela destinada ao eclipse e à glória de sua espécie. Então puxei-o pela manga. Ele me puxou as orelhas, e disse que as palavras eram de Wotton, do que discordei, e que ela havia acabado de chegar a Falkland. Emiti um ruído surdo e imediatamente percebi que fizera a coisa errada. Ele costumava apenas invocar meu nome a plenos pulmões quando eu me portava mal; naquele momento, porém, ele disse algo decididamente pior.

O melhor que eu fizera me pareceu vago e suspeito, minhas grandes ideias como eu as julgava não seriam na verdade insignificantes? No dia seguinte haveria de pagar por tudo que eu tivera de consolo e por tudo que viria a ter mais tarde. Iria parecer, pensei, impossível ligar o amigo de Will, Ben, com a esposa de Will, embora ambos tivessem partido juntos ou ao menos no mesmo dia: o pedreiro de Annandale e a herdeira da segunda melhor cama: estranhos companheiros. Sob esta pedra, dissera ele, jaz tanta beleza quanto seria possível morrer; mas claro que não estava falando dela. Assim como nenhum dos dois tinha a ver com o meu despertar, meu chá forte e a minha primeira pílula. Tudo isso acontecera às margens do Mole, e lá estava a placa mais antiga da Inglaterra com a seguinte inscrição:

SIRE : IOHAN : DAUBERNOUN : CHIVALER : GIST : ICY : DEV : DE :
SA : ALME : EYT : MERCY. Bom o bastante. Continuamos a girar em círculos até chegarmos de novo em casa, nós dois.

Lidar com Henry! Isso nunca foi fácil. Logo além dos louros, virei-me abruptamente e lá estava ele, inclinado sobre o corpo de sua vítima mais recente. Havia sangue por todo lado. Chamei-o com veemência e ele me pareceu atordoado. Mais tarde recorri ao meu velho amigo fava-de-calabar em busca de ajuda — isso no mesmo dia em que comprovei ser a *Digitalis purpurea*, embora eu não soubesse se costuma ser prescrita como tal pelos profissionais, definitivamente ineficaz. Mas por que me teria ocorrido essa ideia? Longe, longe daqui o Adriático deságua numa tépida baía entre as verdes colinas ilíricas. Mateus, Marcos, Lucas e João. Leia Mark Twain e absorva internamente. Mas eu precisava manter o prumo. Ele me acompanhava sem pressa e fez amizade com Henry. Já sentia que eu o conduzia até a fonte que Ponce de León buscou, da qual quem bebe se torna imortal. E não estava tão enganado assim.

Ele sempre falava comigo de homicídio, quando estávamos a sós. E naquele dia, ele me contou ser o aniversário de uma boa pessoa encarcerada. John e Cornelius, oriundos de Dort; não posso dizer que entendi muita coisa. Eu, porém, gostava do seu nome, e o fazia saber disso, pois ele sempre fora muito clemente comigo, até mesmo quanto àquela gata, Jasmine. A propósito, Tusitala e Flora vieram ambas à nossa casa. Claro que se poderia argumentar nada haver de extraordinário nisso. Mas alguns discordaram. E justo quando percebi quanto o amava, ele vestiu roupas bizarras e saiu. Agachei-me e fiz amor com Flora. Já era bem tarde quando ele retornou com ela. Ele sempre me dissera que eu era absurdamente sensível. Talvez fosse mesmo. Explique como quiser, mas quando pus os olhos nela pela primeira vez, não senti vibração alguma, sugestão alguma, do que viria a ser meu fim. Baniram-me e dormi muito mal com Flora.

Odeio ver coisas deste tipo no jornal. Bill vai solucionar o problema do trânsito. Bill vai melhorar as escolas secundárias. A mim nunca nada é perguntado. Não estou habilitado. É tudo tão repentino. Acho difícil compatibilizar a minha convidada com a duquesa com esse nome, embora eu saiba como tudo que diz respeito à trovadora da Wimpole Street é popular neste momento, exceto, talvez, suas trovas. Devagar com o sino, ensina a rima. Bryant e, é claro, May. Risque lentamente, ela está aqui, debaixo da neve. Pobre Oscar. Assim as pontas não caem. Nem os olhos dela se apagam. Puro Francis Thompson. Ele vendeu fósforos. Mas sinto estar decepcionando a estimada moça. Existe um contraste: Fidelia Faustina Flora Blackwood, irmã de Ebenezer Blackwood, algo que evidentemente é. Ela passa em marcha, as pernas musculosas sob seda cor-de-rosa. A lembrança daquela noite no Depósito de Bagagem me faz secar a boca, leva meu coração a bater de um jeito diferente. Devo dizer que invejo Alexander por tomar seu primeiro, e talvez seu segundo, ali. Penso com melancolia nos versos do poeta:

Mas só o rum desce macio e alegre o coração

De Cathleen, a filha de Houlihan

No dia seguinte, vi que minhas desconfianças quanto a Caroline haviam sido bem fundamentadas. Esse era um aborrecimento infernal; um confrère chinês talvez chamasse de flor-da-verdade. Era irritante partilhar a casa com alguém que reagia a jasmim silvestre do mesmo jeito como reagia a rosas. Ele vicejava com as minhas rosas. Nesse sentido, eu estava satisfeito com ele. Tragando Gianaclis e bufando ante a minha idiotice, tentei avaliar minha competência, ou a falta dela. Sempre pensei que levar o nome de catorze papas e dois antipapas nada significava para mim. Compartilhá-lo com Giulio de Mediei talvez soasse mais sinistro para os incultos. Ao menos a virtude da piedade era pouco exercida, menos ainda extremada, em mim. As rosas automaticamente me fazem lembrar da minha tia Cynthia, que pedira, antes de haver qualquer constrangimento entre ambos, ao pobre Ahkoond de Swat para dividir um ninho de sonho com seu coração no meio dessas flores decorativas, mas vestigiais.

Afinal de contas, eu podia muito bem ter sido um escritor, como Jeremy Taylor ou Eugène Sue. Para mim, toda arte era uma só. Podia haver diferenças superficiais em suas obras, mas eles tinham, nas palavras da velha canção, pegado o mesmo rumo para casa. Quando foi isso? Ora, precisamente hoje, se não me engano. Senti a necessidade de recuperar o controle do meu raciocínio, visto que ele parecia distorcer o fator tempo. Nesse caso, porém, eu sabia estar certo. Pensar no tempo — em toda aquela retrospectão, pensar no hoje e nas eras do porvir. Você já pensou que você, pessoalmente, terá continuação? Já morreu de medo desses besouros da terra? Contudo me ocorreu que pensar no tempo com o objeto da minha dileção o deixara cismado. Despertei para a realidade de que havia feito muito pouco na vida. Não exatamente que estava fazendo pouco, mas que fizera pouco. O que vinha a ser fazer pouco? Jogar fora o tempo, talvez, ou gastar mais tempo que o devido. Foi com a primeira sensação que despertei nesta manhã.

A essa altura a moça largara Henry, graças a Deus. Obviamente ela era uma medrosa. Nem sequer parecia capaz de entender por um instante aqueles dois homicídios dele. Ele estava sendo um amor. Despachara a tia do reitor, conforme explicou à moça, como se faz com uma pulga sob o *bonnet*. Um toque estrangeiro. Matar o *tempo*, sim. Era o que eu estava fazendo. Estranho como a mente funciona ociosamente; ou com um ócio aparente. Talvez, afinal, tivesse a ver com hereditariedade. Ponderei nesse sentido. Um sotaque era uma coisa terrível, pensei. Tempo de *matar* não seria tão bom. Percebi que eu era impressionável, que gostava de um bom homicídio. Mas o Peão, uma vez acomodado, não lembrava em nada um jogador. Tinha um caroço e coçava a suíça esquerda. Supus que seria diferente de ver brotar de repente um alvoroço por alguém. Diferente e mais repulsivo. Ele me perguntou sobre o Ben Wade, até então silenciosamente inativo, e claro que respondi o que se esperava.

Eu vira, dia após dia, todos os detalhes iluminados pelo dia ou obscurecidos pela noite da curiosa casa velha. Eu a visitara muitos anos antes. Ali, bela, cadavérica e silente, caminhara a Morte em pessoa, despercebidamente batendo nas próprias paredes das mansões da vida; experimentando aqui, falhando acolá, tateando de leve em busca do sinal de uma fenda de uma mínima abertura. Ao que parece, a pessoa que dormia naquela cadeia à beira do Severn talvez estivesse acordada e ouvisse dessa vez. Descobri que poderia encarar minha habitual mistura de Peaberry Mysore e Blue Mountain. Eu havia feito um mexido de dois para pôr na torrada, suas peles prateadas misturadas ao seu sangue dourado. Pensei no pequeno Ciem envolvido, agora, um estreante, nesses assuntos. Prestativo e cortês aquele rapazinho. Escovara o meu chapéu quando tinha apenas seis anos, numa manhã em que eu pretendia sair para um passeio.

Instalei-me junto a uma das janelas com vista para a pontiaguda torre de pedra — uma raridade em Kent — da igreja de Pluckey, e a claridade iluminaria o livro por cima do meu ombro direito. Tirei um exemplar do bolso; gravada sobre o verde em um círculo duplo havia uma única estrela encimando o que talvez fosse um mar. Eu tivera pouca experiência pessoal com isso até o presente. Só me casei uma vez. Foi consequência de um mal-entendido entre mim e uma pessoa jovem, e me pergunto se uma razão tal para contrair matrimônio teria me ocorrido algum dia. Nunca me casara, e mal podia me sentir inclinado a tanto agora. Era a décima edição, de 1917. Não, senhor. Não se trata de assunto de grande interesse. Eu mesmo nunca penso nisso. Mulher alguma havia entrado a essa altura. Eu estava prestes a encarar uma questão delicada, e sabia disso. Era seguir em frente, como dizem por aí, já que a mulher ainda não estava morta. Talvez você não volte a ouvir falar nela.

Sempre foi meu hábito acordar com a cotovia, se houvesse alguma despertando por volta das nove. Botulista convicto, primeiro combinei com Flora que deveria haver sete daquelas formas roliças roseamente tentando estourar aquela pele tesa, porém não demasiado elástica, e marrom no café da manhã. Confiei que não tivessem o sabor de Flora e do verde campestre. Então, com o apetite estimulado, e após uma visita insatisfatória ao quarto de hóspedes, saí para uma rápida caminhada entre as minhas flores. Se as favas africanas haviam se revelado decepcionantes, ao menos as grandes estavam me trazendo satisfação. Nesse dia — e, com efeito, me sentia inspirado — descartei minha inútil *phisostigma*. Levei o velho mineralogista até o jardim, se é que posso me permitir a expressão, e o apresentei à minha lobélia e aos meus encantadores *lordes* e *ladies*. Quis ver como a combinação lhe conviria. Achei que me aproximava de um encerramento; mas nunca se sabe.

Vejo que o velho dândi comprou um Jasmim-do-Cabo. É difícil identificar ao longe a sua gardênia. Pode ser uma *Clematis florida flore-pleno*, botão duplo. Que diferença faz para mim? Sou um sujeito muito doente. Gardênias! E também existe o capim-amarelo, *Phalaris arundinacea*. Definitivamente não estou bem. Ele é agarrado contra a vontade e obrigado a cumprimentar a sra. Cave, a nossa Mistress Quickly local. Ambos se espicaçam. Sim, por James! James? Veja como aquelas mulheres louras e imaculadas caminham atrás do seu alegre criador; e vemos a menosprezada De Mauves, e a outra bem diferente, Gressie, a Esfinge trivial. Lamento. Ela insiste para que eu volte àquela porcaria americana. Engulo três quartos, pensando em Quebec. Depois eu a sondo, erguendo casualmente a colher e dizendo isso não tem gosto de morte, isso tem sabor de eternidade. Excelente, meu caro Watson. Mas os olhos de leopardo não batem pestana. Será ela culpada?

Os outros não pareceram igualmente impressionados. Frases disso e daquilo me chegavam pela metade ao ouvido, o dueto de um riacho e um codornizão. O riacho se vangloriava do prazer da velocidade e o codornizão lançava alertas como um carvalho sobrecarregado prestes a desabar. Lembrei-me de ter aguçado o ouvido para o mesmo som naquela noite terrível em Paris, quando ainda não sabia o que sei agora. E novamente, neste mesmo lugar por um outro motivo, Henry se lembraria. Perder ainda que dois como esses dois, engolidos pela noite, era capaz de fazer alguém perder o equilíbrio, de sugerir que chegara a hora de acertar as contas. *Caseus*, ah! E em nada desnutrido ou faminto. Um amigo na hora exata. Para mim já bastava. Minha mão foi até o bolso da calça. Eu precisava acertar a conta com Henry. No entanto, será que poderia? Esse assunto de nomenclatura em geral me incomodava. Eu sentia de uma hora para outra como se minha cabeça fosse explodir; só às vezes, mas era como se me triturasse. Seria eu uma bomba ou apenas o moinho de Deus, que mói lenta, mas inexoravelmente?

Senti um certo consolo no tempo choroso devido ao fato de Gainsborough ter-se ido hoje. E, agora que reflito a respeito, Henry também se fora hoje; pobre Henry, que ficou lá desconfortavelmente após seu encontro com Clément ontem. Daqui em diante não peço sorte, sou eu mesmo a sorte, cantarolei. Daqui em diante, não me queixo mais, não adio mais, de nada preciso, já basta de lamúrias entre quatro paredes, bibliotecas, críticas impertinentes. Mas isso seria investigado. Ou talvez não. Aparentemente não se encaixava. Eu acordara nesta manhã agradavelmente perto do mar, no excêntrico local de encontro ontem com o homem que me passou as instruções, bem como tudo de que eu precisava por fora. Perguntei-me se Wodehouse saberia disso. Do seu conde ele dissera que ficava contemplando seus domínios, curvado como uma meia molhada, como era seu hábito quando não dispunha de esteio para descansar as costas. Tudo de que eu precisava por fora, pensei então. Não havia Chesterton dito algo sobre o fato de que se começa e se acaba com a *Cannabis*? Minha função talvez provasse que ele tinha razão.

Ele estava remexendo em tudo que ela deixara para trás e encontrou uma caixa com o nome dele gravado. Também dizia ali, pois ele leu, eu sempre pago minhas dívidas. Desembrulhada, deu a impressão de ser uma caixa de cem Gourdoulis. Eu jamais o vira tão emocionado. Começou a ler uma carta de uma mulher, morta nesse mesmo dia. Só recebi a sua ontem, dizia, embora datada de três de fevereiro, na qual você me supõe morto e enterrado. Já lhe mandei contar que ainda estou vivo, prosseguiu ele, mas, para falar a verdade, encaro minhas circunstâncias presentes como sendo exatamente as mesmas dos espíritos que partiram. Acho que ele nunca disse mais que isso. Felizmente eu estava atrás da poltrona. Ele apenas abriu a caixa. Eu jamais o vira tão emocionado. Havia pedaços de algo parecido com abacaxi escuro no tapete. Eu sabia que ele jamais voltaria a ser a pessoa serena de antes e que meus cabelos brancos desceriam à sepultura com tristeza.

Era uma ocupação mesquinha para alguém com a minha reputação; você não se interessaria, achei, por ouvir muito mais a respeito. Espero que você não venha levando uma vida dupla, fingindo ser mau e sendo realmente bom o tempo todo. Isso seria hipocrisia. Referi-me a um comentário irônico. Havia, supus, pouca chance disso. Perguntei-me se ele um dia teria sido uma criança inocente se alimentando nas despensas. Aquele, porém, não era o momento adequado para tais divagações. Ele aproveitou uma ocasião tola para me dizer quem era; como se eu não soubesse. Gente como Bill deve ser sempre vista de frente. Virei-me para o homem e seu olhar logo baixou diante do meu. Ele sempre falara como se a garganta estivesse cheia de geleia. Agora com malícia, produziu sons nesse charco que tomaram a forma de sugestões quanto a uma recompensa perpétua por valiosos serviços prestados. Mesmo assim eu não me decidira. Tratava-se, disse a mim mesmo, de um mau trabalhador incapaz de utilizar uma ferramenta para acabar com outra.

No momento, Henry caminhava para o fim. Não lamentei. A polícia estava no encalço dele de forma bastante clara, e parecia impossível que ele acabasse escapando. Enquanto o esquadrão cercava a casa, os vizinhos se amontoavam na passagem subterrânea, e Wellington Crisp, acompanhado do seu assistente e do seu buldogue, atravessavam a todo o vapor uma parede falsa do banheiro. Em lugar de acrescentar mais um à sua lista encarnada, ele preferiu confiar num dirigível em mau estado; praticamente um suicídio garantido. No entanto, talvez ele volte. Nunca se sabe. Ao menos o meu fim foi alcançado, e com certa facilidade. Assassinos eram coisas engraçadas. Se aquele que de maneira tão trágica matou seu rei algum dia chegou até aqui, o que historicamente é mais que duvidoso (ai, pobre Richard! Ai, pobre Thomas!), decerto não foi com a mesma facilidade ou sincronia com que eu chegara. Recolhi minha pessoa e pertences e saí para respirar ar fresco.

Curioso que o velho Calabar, como eu costumava chamar, talhasse comigo, ainda assim na manhã depois que o apresentei à pessoa mais interessada, tive a certeza de que não poderia depender dele. Eu lhe daria mais um dia, e depois... Era nitidamente embaraçoso de certa forma. Às onze da manhã a pequena Mavis Kitchener chegou com uma oferenda de ovos, uma ninhada de ovos, diria eu, olhando para os próprios diminutos punhos bem fechados. Absolutamente embaraçoso; pois, sabendo que estavam fadados a serem ruins, passei uma hora de que não podia dispor tentando encontrar para ela um equivalente de framboesas bichadas. Como me casaria com ela diante das circunstâncias? Seu tio bondoso, que você considera o pai da sua fortuna, ansiava por tal aliança. Lembrei-me, enquanto vagava em meio às fracassadas tentativas das azaleias bengalesas, daquela cujas ordens eu executava e que sempre teria sucesso. O mesmo podia ser dito de Henry. Ele enterrara o cadáver; apenas os olhos estavam à mostra.

Os dedos desajeitados da Morte eram de fato o que mais causava medo; eu os vira, sob um sorriso afável, executando estabonada e lentamente, a tarefa que lhes coube. Dei-me conta de que precisava fazer alguma coisa. Dessa vez, é claro, o homem encarcerado no lugar onde Hotspur morreu não podia ouvir. Olhei por cima da mesa para o grande vaso repleto de jasmims-amarelos; o jovem Alexandre os enviara na véspera, à noite, com um convite para uma visita privada à exposição dos futuristas Vorticistas. Então voltei a atenção para o espelho rococó à minha esquerda. Ora, meus pais tomaram providências, logo após meu nascimento, para que não houvesse outros; mas, exceto durante aquela semana em Malta, quando conheci Ronald Firbank e senti algum ciúme, jamais dividi o que era meu com outro. Era terrível sentar ali e não ver nada além da mesa à minha frente e saber que um assassinato havia sido cometido. Ele — eu pressentira — seria partícipe e dissimulado, uma câmara dentro de outra; se eu ousasse abrir a boca, quem acreditaria em mim?

Eu já me sentia melhor e fiquei feliz por uma lembrança real, embora fugaz, ter me levado até ali. *Video meliora proboque*; mas eu não podia, apesar de todos os meus olhares cobiçosos, ver a modelagem das *fossettes* dos cotovelos da mulher sentada perto de mim. Seriam, conjecturei, como as de Sonia Gordon, covinhas triangulares obscurecidas por sombras? Pobre Sonia Gordon. Relembrei aquela quinzena trágica em Southend: o píer com sua ferrovia elétrica, o ato imprudente de meu primo e o lapso de Sonia. Seu temperamento ia de encontro a ela. Mas não se pode fazer uma omelete sem quebrar ovos. E a minha estava excelente. “Você se safaria ileso, não é mesmo?”, gemi baixinho ao apunhalá-la uma vez. E mesmo ao fazê-lo pensei no esquelético velho Marat em seu banho, a touca de dormir lhe caindo na testa, a luz bruxuleante da vela, a sombra à porta, o passo furtivo de Charlotte Brontê com a lâmina afiada. Havia algo de errado.

Ela disse que não importava o que eles tivessem feito porque continuava sendo M. D. e não adquirira outro. Ou seja, ele. Ela nos mostrou algumas opções, todas num tom de fígado cru, muito lindas, e as experimentou. Mas ela também tinha uma paixão por comprar coisas novas, e senti pena por conta dele. Afinal, em toda a minha vida em sua companhia, eu tivera apenas um manto para me aquecer o corpo, e mesmo este fora herdado. Verdade que era longo e gracioso e se ajustava à perfeição, o que não se podia dizer de alguns dos dela. Combe, sempre pensei, foi onde um sujeito andou caçando coelhos. No entanto, havia também um George, porque ele assim dissera. Chamou-o de frenólogo, mas não entendi direito que relação era a dele com freios. Falou que era seu último dia. Não dei bola. Mas ouvi quando ambos disseram que eram dois ao todo para aquele ano; ela falou que um dos dele era vicário e não consegui compreender o que o vigário tinha a ver com isso. Fizeram uma aposta.

Quanta química! Que os ventos não sejam de fato infecciosos. Agora que me aproximava do fim da jornada, comecei a me fazer perguntas desconcertantes. Seria terrível se eu descobrisse ser ela a de Flecker. E alguns se voltam para Flecker a fim de rezar e eu me volto para tua cama. Provavelmente entendi errado. No entanto estava certo. A ortografia era diferente e fazia muito tempo. Sim, mas suponhamos que ela pertença à família daquele que visitou Jack, na companhia de Thornhill, que prometeu compor a ópera? Eu jamais saberia com certeza. Tomei uma pílula. Mas valia a pena. Sim, valia a pena. A fava brota silenciosamente em meio ao bolor do jardim. Decerto o meu caro camarada era capaz de pôr fim a esse tipo de coisa. Na sua pequena colina surgem fielmente as folhas verde-escuras da batata. A irmã de Thames Ditton, como a chamou Eric Parker — e todos se lembram do malapropismo do irlandês na mesma narrativa —, veio logo em seguida. Long era seu nome; mas não me detive para cortejá-la.

E então, com uma clareza tenebrosa, eu vira uma mulher ali — não de fato, se é que podia confiar em mim; mas tramando, conduzindo, inspirando: esbelta, morena, petulante, obstinada: libertina, mas demasiado calculista para ser mais que amante de si mesma; o tipo de gente que tornara a Inglaterra terrível no mar. Relembrei minha própria juventude; eu dera minhas voltinhas, como se diz por aí; às vezes semeava vento para colher tempestade. Mas só depois do meu casamento com Henry foi que o velho Charles Goodfellow ousou sugerir que eu estava virando Gay. Coitadinho do solitário Bat. Mas ainda era o primeiro cão, não consegui me impedir de perceber isso, depois do adestramento do meu marido. Assim como não consegui me impedir de perceber que, caso me desse na veneta, eu podia tomar uma carraspana na vizinhança da Selfridge, embora de forma alguma em Bond Street. Quando insisto em “de forma alguma”, falo do ponto de vista legal. Então, lembrei-me da citação favorita de Henry:

*Mas M’Cullough quis cabines de mármore e bordo
e tudo o mais*

E veludo de Bruxelas e Utrecht, e banheira e um Salão

*Cantam envoltos nas cordas da tua harpa, como se um
clamor selvagem
Estivesse agora levando à tortura o deserto! E depois
vêm a mim...*

Posso garantir que não a vi entrar; mas de repente me senti eletricamente ciente de tê-la sentada perto de mim. O que viria a seguir? Eu me deixara guiar por Henry. Ela era bem alta; penso que às vezes ser alta é uma coisa formidável nas mulheres. Julienne? Sim, pela aparência ela dava a impressão de ter um nome desse tipo. E presumi a existência de olhos escuros por baixo de cílios dourados. Não me apeteceu remexer na superfície pela primeira vez. Sua voz sussurrou nos meus ouvidos aguçados; pensei num jaguar num galho fino e invejei Henry. A superfície era marrom-clara e identifiquei algarismos brancos ali dentro; estrelas, e um coraçãozinho, *mirabile dictu*, se moviam ali. Ela acendeu um cigarro e tomou um coquetel atrás do outro; vez por outra enxugava de leve a boca com uma borboleta de renda branca.

Isso é bom. Ela aceita um Lover's Delight que ofereço. Fala muito pouco; mas insiste comigo para que eu prove um Banana Split. Acaso existirá algum significado esotérico por trás desses rótulos? Agora Ecky se dirige ao Dawn. Alexander é meu nome. Chamavam-me de Ecky quando eu era garoto. Ei, Ecky! Você é um velho detestável. Coisa sentimental. Enfim, Ecky sumiu dentro do Dawn. Chego a desejar ter experimentado. O troço forte, quero dizer; mas arruinaria minha mão. De onde viria o meu sustento se Aquarius acabasse virando Gemini? Ela me conta um bocado, cada palavra roucamente roçando aquele carnudo lábio inferior carmim, sobre um médico amigo seu. Só a conheço há poucos minutos; mas odeio pensar que trocaria — a voz cai num vácuo, igualzinho a um avião, quando ela fala dele — uma estação entre King's Cross e Edimburgo por — o que mesmo? — uma permanente monotonia de alguém cuja narina se empina para sugar a estrela já murcha e espessar a respiração luxuriante do Sol.

Às vezes lamento, e lamentei então, não ter o dom de contar, ou no mínimo acompanhar, uma história vividamente. O Peão, aproveitando o prazer de seu primeiro St. Bruno, insistia em exacerbar o canto do meu olho cutucando aquela protuberância sebácea. E isso impedia que eu desse a atenção adequada ao problema de Henry. Odores têm um bocado de significado para mim; vi-me num piscar de olhos no velho ancoradouro de Vera Cruz e quase me foi possível ver o jovem comerciante de frutas pousando o violão e enxugando o sangue das cordas com um lenço chamativo. Contudo eu precisava, senti, a todo custo voltar para Henry. A situação era a seguinte: o irmão da segunda mulher começara a ter suspeitas. Encontrara uma certidão de casamento semiqueimada no incinerador; havia trechos calcinados a respeito de Henry. O que faria ele? Não podíamos parar nesse ponto, sem dúvida, pensei. Mas me enganei.

Era a hora em que o tal meio polonês, meio francês, quase sempre a primeira metade, o mesmo que se autodescrevia como vira-lata bêbado e esbanjador preguiçoso, costumava se levantar da cama. Lembro-me de que quando Héléne lhe contou sobre seu relacionamento amoroso, ele renunciou ao conhaque. E adotou o absinto. Foi uma das vezes em que o absinto o deixou ausente. Dizem que amolece o coração. O que eu vira afinal? Eu vira Henry — sem dúvida eu ouvira chamarem-no assim — inclinado candidamente sobre um cadáver inocente da sua própria lavra. E eu também vira o médico conduzindo o velho pelo jardim, não uma ou duas vezes, mas várias. A moça não se achava mais presente. Acalmei-me com uma refeição bem apimentada, acompanhada de bebida forte, que engoli e dejetei, pensamento vil, com a ajuda de Villa- cabras. Mas fica-se muito impotente quando se está só num prédio grande de muitos apartamentos: agradei não ter aberto mão de ouvir atrás das portas.

Por um lado, claro, fiquei contente de vê-los casados. Sempre fui bastante estrito quanto à pureza na vida familiar. Naquele boato escandaloso de um maltês aportando na nossa ilha e desviando uma das minhas ancestrais — ou um dos meus ancestrais — da trilha do dever eu nunca acreditei nem virei a acreditar. Caso eu tivesse tido uma instrução de verdade em lugar de apenas escutá-lo, talvez pudesse lhe ter dito — a coisa estava bem ruim naquele dia — como eu odiava ser chamado de Hal. Era ela quem fazia isso. No entanto ele gostava de certa forma, e disse a ela, citando um livro, que a base original da transação parece ter sido sentimental: “Ele era meu amigo”, falou o médico sanguinário; “ele me era caro”. Deduzi que um Tom qualquer, não o que matei no caso de Jasmine, fizera isso. Ele estava animado e providenciou uma costeleta para mim, além de dizer que era bom que estivesse visitando a Inglaterra hoje pela primeira vez.

Babs agora atravessa o meu campo de visão, a cabeça coroada, por assim dizer, por duas cachoeiras perpendiculares de cobre. O fluxo segue para a direita e para a esquerda, como se um rio, refletindo um pôr do sol trovejante, tivesse se partido ao meio em cataratas gêmeas. E então, graças aos céus, chega a primeira e extremamente necessária chuva da semana. Uma opacidade e um borrifo para começar e de repente o surgimento de sapinhos prateados ao longo de toda a estrada. Estávamos sentados na varanda, no ar quente e abafado, ofegando e torcendo para que as nuvens plúmbeas se abrissem e trouxessem o frio. Sempre penso nisso, mesmo na Inglaterra. Todavia, olhando para a figura de frente para mim, dou-me conta de ter sido com efeito ela, e não Babs, quem me fisgou. Fisgou-me é uma terrível combinação de duas palavrinhas; Henry, definitivamente, não a aprecia. Mas como prova de que o que digo é verdade, ela é suficientemente forte para me desviar dos meus pensamentos sobre Orange Pekoe para pensar em um Special Orange Supreme.

Sempre pensei que Tate basicamente significasse açúcar. Disso eu gostava quase que acima de qualquer outra coisa, embora quase sempre não de uma só vez e, sim, debaixo do aquecedor a gás e surrupiado quando não havia mais ninguém. Contudo ele disse a ela, como no jogo com que vários deles haviam se entretido certa vez, e outro começara hoje, enveredando então Livro dos Salmos adentro. Mas não achei que esse aí fosse tão saboroso; o do açúcar me agradava mais. Achei que eles passavam tempo demais juntos. Convencime de que devo ser um cachorro triste; tentei me lembrar de todas as vezes em que um membro do outro sexo me causara preocupação e que juntos tivéssemos esquecido de tudo o mais. Tentei perdoar. Ele a chamou de *Crataegus Oxyacantha* enquanto tomavam drinques; essa foi sua grande piada. Percebi pelo jeito como ele gargalhava, e também eu rolei de rir. Mas eu gostava mais do nome real pelo qual chamá-la. Encontrei Ecky naquela noite e ele estava muito feliz, mas absolutamente exausto. Quando o cumprimentei, ele quase desabou em cima de mim.

Sempre me ataca um aturdimento nessas ocasiões, e foi o que aconteceu então. Contudo, foi agradável reencontrar o equilíbrio e contar os próprios fardos — acima e embaixo, bem como na mão. Assim fiz. Mas o aturdimento não passou. Como já disse, isso sempre acontecia. Eu começava a desenvolver uma certa atração por Henry, embora tivéssemos acabado de ser apresentados. Sou uma alma simples e devo confessar que me entusiasmei um bocado. Aparentemente ali estava um homem de grande fascínio, com uma covinha no queixo como a biqueira da bota de um sátiro, e um pequeno apanhado de vistosos cabelos atrás de cada orelha. Ele estava também fadado a destruir, por motivos familiares, e a continuar destruindo. E eu continuava só; dificilmente esperaria algo diverso nessas circunstâncias. Ecoei as palavras do poeta:

*Traze Palamabron, sacerdote cornífero, saltitando
sobre as montanhas,
E a silenciosa Elynittria, a rainha de arco dourado*

A andorinha, a cintilante Hontonoea.

Perguntei-me se conseguiria machucar a moça. Mas basta de pensar nela. O testamento estava ali. E as mãos maravilhosas no lado oposto da mesa se encontravam em ação com um estojo de canetas estranhas. Eu me mantive bem quieto; nem na vida nem nas letras vou me permitir pular etapas. Começo do início, mesmo que você ache prosaico da minha parte dizê-lo, e vou direto até o fim. Vir à luz ou, de todo jeito, não ver a luz numa valise, tenha ela ou não alças, me parece uma exibição de desprezo pela decência usual da vida familiar, desprezo esse que me recorda um dos piores excessos da Revolução Francesa. O homem encontrara seu ritmo afinal. E parecia absorto. É um dom maravilhoso, penso sempre. Ele bem poderia ter escrito, se tivesse tutano, como um Chesterton ou um Camões.

Como eu não ia ficar, estando apenas de passagem, tirei o chapéu para os onze que disputaram o prêmio de mil guinéus com o grupo All England e o derrotaram vinte e nove vezes em dez anos. Saudei, igualmente, alguns teixos excepcionalmente grandes. Afinal, eu estava executando o trabalho de outra pessoa. Conforme avançava, comecei a me recordar de como o meu autor favorito a chamara. Chamara-a de encantadora, relaxante e delicada. Chamara-a de frieza envolvente e de mãe obscura. De mim para ti, dissera ele, alegres serenatas e danças proponho, em tua honra. Também a chamara de vasta e velada. Mas, sabe-se lá por quê, eu tinha minhas dúvidas. Sentei na grama e contei claramente até noventa entre cada batida do meu coração. Precisava ir mais devagar. Cada batida, vi, me fazia expirar uma espécie de fumaça roxa saída de um exaustor. Danço com os dançarinos e bebo com os beberrões. Os ecos soam com nossos gritos indecentes, escolho uma pessoa rasteira para ser minha amiga mais querida.

O cardeal foi absolvido hoje de toda e qualquer cumplicidade no caso do colar de diamantes da rainha. Com que rapidez as areias movediças do crime se apossam dos pés da mente. Naquele momento pareceu incrível que eu já fora um dia uma criança inocente, saltitando entre as margaridas, e pensando, se é que pensava nisso, que a sepultura seria tão pequena quanto a minha cama. A porta se abriu e se fechou. Pelo que já sabia sobre o homem que entrou, eu deveria ter imaginado extremidades mais limpas e um ar mais sinistro. Expliquei meu objetivo e convidei-o a se acomodar confortavelmente com os papéis. Café e sanduíches de presunto da Vestfália o seduziram de forma demasiado óbvia. Por que sanduíches de pepino? Qual o motivo de tamanha extravagância num sujeito jovem? Sim, percebi, assim que o vi, que as palavras diante dos meus olhos provocariam algum tipo de comentário, irônico talvez, página após página, até o fim da minha entrevista e mesmo depois.

Até então, a mente estivera a vagar, se ousou empregar tal expressão; avançando sem jeito, como se num hemisfério de cada vez. Agora, porém, eu me perguntava ansiosamente como devíamos combinar, eu e esse porco bem nutrido que acabara de me ser apresentado. Obviamente ele estava bêbado, o que não piorava a situação: era melhor, com efeito, para o meu propósito. A cara do sujeito parecia levemente familiar, embora eu não seja perito em guardar fisionomias. De repente, me recordei daquela barba branca que se projetava do queixo dele como uma onda sinuosa. Devia ser reconhecível a um quilômetro de distância, graças a lembretes semanais nos jornais mais sensacionalistas, como a de Sir Paul Trinder, cujo furor loquendi levava seu dono a assumir ostensivamente durante os últimos vinte anos qualquer causa veiculada na cidade. Ele também era, salvo engano meu, um desses palestrantes alugados em cátedras obscuras, que alguns poderiam quase chamar de tamboretas, de erudição. Um homem desses, é possível argumentar, não é inimigo de ninguém salvo de si mesmo; mas, ah, como pode ser amarga essa inimizade.

Hoje eu estava me sentindo tão bem quanto um homem pode se sentir. Tudo relativo à horticultura, no sentido horrível e literal da palavra, era lindo. Aprazia-me, como cogitei mesmo antes do café da manhã, dispor de sangue verde. Recebi uma carta da srta. Doncaster, que li em cima das migalhas de torrada besuntada com geleia, em que ela me avisava que o velho viria hoje, por sugestão dela, para ouvir o meu conselho. Admito que ela me deixou estranhamente agitado. Acendi um Nestor e refleti mais uma vez sobre a carta. Moer uma poção envenenada por trás de sua luz carmesim. Era um pedido interessante para ser feito a um estranho. Teria que ser examinado. Coitado do velho; mas Waterloo chega para todos, e hoje seria o dia do encontro em La Beile Alliance. Não era inadequado.

A imagem do Velho Moinho em Bramley, com a nespereira pendendo sobre a água, o pombal de tijolos octogonal e a delicada videira na fachada da casa não me detiveram na véspera. Peguei meu primeiro cigarro do dia, de olhos semicerrados, após algumas milhas. Tão rapidamente as coisas são esquecidas! Achei difícil me dar conta de que o dia de hoje já foi um feriado inglês no passado, como aquele outro cinco, e basicamente pelo mesmo motivo. Jaime se safou; o conde e seu irmão Alexandre definitivamente não. Mas a coisa toda não era clara para mim, e duvido que fosse para alguém. Os dois odores, o da nespereira e o da videira, haviam sido as duas notas de um acorde, vermelho veneziano e verde-acastanhado, que afetam um ouvido com delicadeza e o outro com força — ou será que eu quis dizer penetrante e leve? —, um som monótono, exceto por esta variação: já tinha sido forte, suave, forte, forte, suave, suave, suave forte. Havia sido um odor agradável.

Era exatamente aquele momento do dia que a garota da fábrica de seda em Asolo descreve como manhã. Havia alguma coisa, refleti, de bestial, no sentido horrível e literal do termo, na forma como os jovens, como se estivessem se referindo a seus pares, tratam o alvorecer. Deus sabe que eu devia ter permanecido na cama, caso minha cabeça não estivesse sobrecarregada com assunto tão temeroso para me permitir dormir. Passei aquelas seis horas numa agonia de recapitulação. Mesmo ainda criancinha, na escola da sra. Larkin, quando era tecnicamente de etnia mista, eu já mostrava sinais de possuir esses poderes sobrenaturais. Na verdade, a sra. Larkin talvez me chamasse de Clara pelo fato de ser evidente a minha clarividência. Durante um bom tempo, fiquei sentada meditando, com o olhar perdido para além da mesa. Aos poucos, me veio a percepção de que seria mais fácil me reconectar com as visões depois de abastecer o estômago. Eu esperava a chegada rápida do desjejum, e não me desapontei. Logo apareceu, como sempre fazia, aquela minha criadinha idiota cujo estômago ansiava por salsichas, exatamente como Pippa.

Aparentemente, pelo que eu ouvira, a carne de Felton tinha sido entregue em Brookesley pela primeira vez naquele dia. Perguntei-me se seria boa e bastante. Não que eu realmente gostasse de pensar em carne, embora estivéssemos novamente a sós. Achei grosseiro da parte dele falar sobre a ausência de ruído aqui, salvo o som de uma lágrima ou o suspiro de quem traz primaveras pra cobri-la, até me dar conta de que ele estava pensando que a amiga de Ben fora, a certa altura, como a carne de Felton. Enquanto comia presunto da Vestfália, que tramei partilhar, ele leu pedaços de papel sobre o Hilary e a Amazônia, e sobre o *Stella Polaris* e *Voltaire*, e *Nagpur* e *Vandyck* e outras figuras encantadoras. Imaginei se ele não estaria pensando em tirar férias. Achei que seria uma pena; tão desnecessário, justo nesse momento. Eu não entendia nada de navios. Alguns dos meus pares tinham conhecido bem o velho *Armadale Castel*, sem dúvida; mas esse não era o navio que ia para a África do Sul.

Considerando que corria o mês que leva o meu nome, eu não estava com muita sorte. Henry, embora de um jeito meio espetaculoso — hastear as vísceras da sua terceira vítima, o velho advogado da família, em seu pequeno mastro sugeria um quê de exibicionismo —, estava bastante são. E esse estranho, a julgar pela conversa extremamente vaga que começou a me impor — diversamente nesse aspecto do agricultor, que se mantivera em silêncio absoluto, exceto pela pergunta incandescente, e dos pestinhas que apenas se comunicavam entre si —, era totalmente doido. Como se chamava mesmo o jogo infantil? Nozes em Maio, que regressão temerária. Não temas; tua ajuda está próxima. Mas estaria mesmo? Henry se encontrava numa situação desesperadora, e esse outro era míope o bastante para não se dar conta de que eu me preocupava. O primeiro estava inclinado sobre os restos já meio frios da sua quarta — a irritante faxineira intrusa — quando houve uma batida terrivelmente oficial na portinha azul. (Seria o inspetor Barraclough, ou apenas algum guarda idiota local?) Mas com isso pouco se incomodou o último. Ele continuou a falar sobre Browning.

O que eu segurava entre os dedos? Visto de uma forma poderia ser apenas um papagaio. Eu daria ao pássaro uma chance de ser fênix. Acendi um fósforo, e as consequências me tranquilizaram. Quem tinha medo do lobo mau? Ninguém, aparentemente. O tolo veneno dele agora definitivamente fracassara. Botei, no *pétit-déjeuner*, o velho objeto de ferro batido no Gelsemium *semper-virens*. A propósito eu recebera uma visita naquele dia de um sargento-detetive que falou de um pobre infeliz que morrera de maneira estranha. Minha parca experiência com sargentos-detetives é que eles têm um estilo; mas não um belo estilo. Se usarmos uma palavra de mais de duas sílabas com eles, há de lhes parecer que estamos rindo de suas caras. Nesse sentido, eles são perspicazes. Ainda assim, foi esquisito com Trinder presente.

Agradou-me contudo, devo confessar, pensar que me achava na posição, embora fosse improvável a oportunidade, de entreter o divino Xenócrates com um relato da coisa toda.

Meu conhecimento era suficiente para perceber que tivera sucesso. Mandei que Charles não poupasse recursos para fazer aquele Sundae chamado de Lover's Delight para o meu convidado. Eu acreditava que se deve deixar um homem saborear uma prova. Poucas horas depois o pároco no púlpito, com seu colaborador, proveu a solução. Avaliei o que eu realizara. A Morte encerra tudo, mas algo antes do fim, algum feito de notável memória, pode ainda ter lugar. Pelo menos, aquela carranca barbuda não há mais de arar os pseudocientíficos mares. Houvera outros homicídios, claro, hoje, e com consequências mais relevantes. O de Francisco Ferdinando, por exemplo. Mas jamais um deles deixou um homem tão morto. Dei adeus à confusão e proibi Henry, meu inigualável investigador, de se aprofundar mais no assunto. Desci da pequena escada dobrável acima da qual abriguei meu inevitável registro heliográfico de sucessos. Não mais meus pés andarão próximo a ti, nunca, jamais.

Sempre senti orgulho do meu xará, o Grande Lexicógrafo, como nós, não sem naturalidade, o chamávamos na família. No entanto, me pergunto se parte da minha vida não teria sido o reverso horrível da sua. Afinal ele tinha *nascido* em Colney Hatch. Contudo não, pois o objetivo da minha peregrinação podia facilmente me levar a Broadmoor; isso me causava horror: amálgama de Dartmoor e flechas de Broad, com uma pitada de insanidade como tempero. Não, encarcerado, encarcerado! Gulielmus Occamus — quanta semelhança com um hino de guerra! — era oriundo desse lugar, que, a despeito das estátuas de Rysbrach, tinha seu charme. *Le couchant dardait ses rayons Supremes et le vent berçait les nénuphars blêmes; les grands nénuphars entre les roseaux tristement luisaient sur le calmes eaux.* O Doctor Invincibilis, o caríssimo Bill, não era um psicólogo cruel; tinha parcimônia. Lá eu vi uma galinha e duas ovelhas. Ao ver uma galinha, Dickens perdia a linha, para as ovelhas franzia as sobrancelhas.

De que precisaria um homem com tal companhia, perguntei-me. Então pensei no tio de Jim, Darius Brockley, e na desculpa esfarrapada da sobrinha do vigário ao voltar. Sim comecei a entender. E não lamentei dissociar da prata o remanescente do ouro e aguardar os acontecimentos. Estiquei a mão e toquei uma forma difusa na cadeira a meu lado; um gato lustroso que exultou horrendamente sob o toque dos meus dedos. Diziam-nos que o coração humano é insidioso e desesperadamente cruel; o que dizer então da mente humana? Por que, quero dizer, deveria eu ter me lembrado da história do Major-General em Trafalgar Square sobre a noite de Guy Fawkes e como o falecido a contara a mim, apenas uma hora antes... que viessem buscá-lo? E quanto a mim? Assumidamente, eu era um guerreiro, mas mesmo eu, com certeza, podia guerrear sem ser um salafrário.

Não consigo evitar, mesmo com essa suprema distração, pensar na minha Babbie — ousou dizer *minha* Babbie — com o cabelo como da última vez que o vi, cor de tigre e encaracolado como molas de um sofá de fada. O *toison, moutonnant jusque sur l'encolure! O bondes! O parfum charge de nonchaloir! Êxtase!* Se é que você me entende. *Ela*, ao menos, se mostra encantadoramente interessada por Henry. Sempre odiei o fato de esses escritores permanecerem anônimos. Que tribo eles formam, com certeza! Contudo, eu sempre os chamei a todos pelos respectivos nomes. Será um êxtase tolo o que sinto ao vê-la remover o capuz de Henry e tornar a colocá-lo com seus longos dedos cálidos e tentar experimentá-lo à mesa? Minha cara convidada aceita um Rainbow. Faço o pedido e ele vem. Ela explica, e sua garganta ostenta covinhas, que o aceitou porque a Quaresma acabou. Jamais, acrescentou, concordaria com um segundo sundae na Quaresma. Devo estar apaixonado, porque acho a observação divertida.

Desnecessário dizer que eu não sabia que aquele era o último dia. Achei horrível depois olhar para trás e perceber que não havia aproveitado ao máximo, ou melhor, todas as mínimas coisas que o constituíram, bem como os milhares de outras ocorridas antes. Eu ouvi quando ele leu duas palavrinhas sobre um homem e disse que ele se fizera presente hoje. O janota velho, excêntrico e cruel bem que merecia um anzol na goela [Byron], E o outro o chamou de hipócrita acanhado ou de estúpido. Ele precisa primeiro torturar seu carteiro, a isca, e fazê-lo levar as cartas de Belerofonte. Todavia, isso era demasiado para mim. Os meus sempre foram fiéis ao McLeod dessa estirpe, entre outros. No entanto, até ele me contar a respeito hoje, eu jamais soube que o Grande Lexicógrafo tinha provado Lótus com ele. Tinha alguma coisa em mim que exigia o exercício da lealdade. Dar tudo — como eu dera tudo a ele — significava dar o osso dos meus ossos.

Comecei a ler a produção ímpar de Hardy, e cada músculo do meu cérebro ficou eletrizado até o término da leitura. Outro desses devia ter sido o monge Arnulphus quando destampava o tinteiro. Sua paleta brilhava com um verde lustroso cintilante como a pele de uma libélula: sua folha de ouro brilhava como o manto de uma rainha. Não havia a menor dúvida. Eu agora seria capaz de fazer a colheita. E Ruth pouco teria para respigar. Pensei na mãe dela e ri alto. Toda mulher fica parecida com a mãe. Isso é a tragédia delas. Com os homens nunca acontece. É a tragédia deles. Não pude me impedir de ecoar a pergunta de John: Essa é uma observação inteligente? O monge Arnulphus com uma pitada de Jim, o Falsário. Como, perguntei-me, eu o atingira? Sabia que me daria prazer fazê-lo. Seu cérebro obviamente era lento e metódico, habituado por natureza a classificar e arquivar. Nesse caso, achei conhecer o tipo: instruído de forma macabra, até mesmo distinta.

Não era absolutamente infernal nem infinitamente celestial afrontar assim os mortos; mais parecia, decerto, o coroamento do prazer da dor ou a coroa de dor do prazer. Poderia soar mórbido da minha parte, cogitei, romantizar um pouco sentado ali encarando as cores da velha escola congeladas diante de mim? Verde e branco e rosa, coragem, sabedoria e confiabilidade, gracejava o velho Mandachuva, como o chamávamos. E agora essa era uma combinação tão efêmera. “Não considero isso tão terrível”, estava ela dizendo, e desejei poder ver se sorria ou não ao dizê-lo. Tais observações eram, ao mesmo tempo, irritantes e estimulantes. O que ela não considerava tão terrível? O que, na verdade, com sua pose renascentista, ela consideraria terrível? Mas posso perder tudo se especular. Ataquei o frescor que tinha diante de mim e nutri meu cérebro com coisas mais limpas. Lembrei-me do local da minha iniciação em tanta coisa cintilante e esplêndida; lembrei-me das ruidosas quadras em que se jogava *fives* e do antigo Auditório solene com as paredes cobertas.

com as obras soturnas de Beardsley e Felicien Rops, que ecoavam as imprecações sádicas do Mandachuva, como o chamávamos, resfolegando lubricamente dominado pelo éter. Tive o primeiro vislumbre da luz na casa dos Whympers. A sra. Allingham retratou a peixaria, e o autor de *A terra da neblina* jogou críquete na equipe local até subir a colina. Também eu havia sido jogado para fora daquela massa fluida mantida em perpétua solução, também eu havia recebido identidade do meu corpo, e o que eu deveria ser deveria vir do meu corpo, eu sabia. Aquele era um dia muito importante, pois foi nessa data que o velho Cris zarpou de Paios; e todos vocês estão cientes a esta altura do que resultou daí. Mas juro que eu não sabia ao certo como comemorar, embora comemorar fosse uma das minhas especialidades. De- via me permitir mais uma razão da minha erva-do-diabo e me encher de júbilo ou meramente chorar? Helen e canções melancólicas? Poe e a Lei Seca? Calças de pescador e o preconceituoso Menkin? O equilíbrio era demasiado difícil de alcançar. No fim, segui em frente como de hábito.

Lá se foram aos trambolhões os jovens queridinhos. Nenhuma tragédia, isto é, nenhuma tragédia comparável ao incêndio aqui na Capela Latham em 1906. Suponho, porém, que olhar deliberadamente para trás assim não encha barriga. Assim como visitar velhas melodias depois de estarem mortas e enterradas: quantas vezes não me peguei assoviando *Alexander's Ragtime Band* versão para Bodas de Prata no meu banho frugal. Senti que Henry era basicamente tudo que eu podia esperar suportar, ou quem, se você preferir, eu podia esperar suportar. Fiquei ainda mais aborrecida, portanto, com a intrusão de um sujeito malajambrado, uma criatura de olhar míope, que pisou no meu pé de maneira estabanada e ao mesmo tempo me despertou uma lembrança. Decerto havia indiscretamente assistido ao meu derradeiro e crucial encontro com o velho. Pouco importava, é claro. Mas esse tipo de coisa foi como um zumbido de mosquito no ouvido, soando como Kreisler com seu pequeno violino. Interferiu na minha concentração.

Voltei do meu devaneio com as têmporas úmidas e a língua horrivelmente seca. Tive que acreditar em mim, pois jamais me iludira antes. Sim, voltei a mim, caso seja necessário deixar claro, quando essa mesma estrela a oeste do polo estava iluminando a mesma parte do céu que ilumina agora. Uma hora, achei, não só muitíssimo deprimente em si, mas também, quando se está só, tão insossa quanto água de endro. O que, perguntei-me, eu deveria fazer? A resposta era bastante clara. Aos dez anos, atabalhoadamente eu recuperava ovos. Aos doze, recuperava passagens de ônibus e, se então soubesse onde procurá-los, sem dúvida recuperaria carnês inteiros também. A resposta era bastante clara. Eu precisava — ah, derradeiro e dif cil mimo passatempo! — me recuperar. Foi horrível. Eu vira cada minuto da coisa toda. Eu vira um pobre velho ser levado lentamente à morte debaixo dos meus olhos.

Passou-me pela cabeça que o local situado entre a estátua de Eros e o Queen Hall sofrera uma mudança terrível desde que Orpen o retratara em 1912, e que mesmo que eu tivesse obedecido aos Editos de Ming e lá chegasse instantaneamente, a minha modesta München teria que vir acompanhada, à minha custa, por fatias finas de pão e queijo. Contudo, afinal de contas, eu desistira de ir. Em lugar disso, pretendia terminar o que começara. A moça o encontraria pela manhã, selado e pronto para seguir seu caminho. Eu contara tudo o que sabia e meu cansaço era enorme. Acaso ele ignoraria o que eu dissera, levando-me a fazer o meu pior? E se assim fosse, *que* pior poderia eu fazer? Ou viria a mim e imploraria silêncio, confiando na nossa antiga associação, quando ele balbuciava sobre meu joelho, o que padecia de artrite, que com certeza as borboletas-da-couve eram fragmentos de um poema que Deus escreveu e, por considerar demasiado bom para nós, rasgou? Será que simplesmente tentaria me eliminar?

No dia seguinte, entretanto, aquele capuz de religioso, se é que posso me expressar de maneira tão pouco científica, deu sinais que pareceram me indicar que estava fracassando, após o sucesso inicial. Eu aguardaria até a meia-noite. Não me interpretem mal. Por que eu não deveria interpretar a mãe espartana com emoção ser o Lucius Junius Brutus do meu gênero? Pensei em May. Sobre eles pairou o odor da rosa de maio. Sedutor, sem dúvida, mas inapropriado. Senti estar desapontando May. Quanto ao outro, eu não tinha, é claro, intenção alguma de desistir. Henry, antes do nosso lanche de torrada com anchova e vários pratos quentes (jamais fui frugal), decidiu chamar ostensivamente a atenção, pulando em cima de mim. Numa das vezes me atingiu diretamente o olho, e me lembrei — não consegui deixar de recordar — da dificuldade de Elsie quando o jovem guarda-costeiro tentou lhe provar sua descendência direta de Herebald the Drake. “Prestarei”, citou ela, “meu dever diante de seus olhos”.

Naturalmente lamentei dizer adeus à velha Medehamstede; mas foi agradável me sentar e sentir que afinal estava só. Aqueles períodos emocionais foram desgastantes para todos nós. Senti que meus lábios estavam mais pálidos do que eu gostaria; mas um toque de clarete Pasquier logo me aprumaria. Eu encontrara o velho e caro Pasquier em Paris, naquele lugarzinho na Rue de la Harpe, rua na qual, me disseram, havia um quê de inquestionável disciplina até nas casas de reputação questionável. Abri uma revista e rapidamente passei os olhos nos últimos parágrafos dos contos. Eu era totalmente a favor do amor; mas exalar o último suspiro nos braços de alguém nunca me seduziu.

O abraço nos meus contos — e a minha vida era toda feita de contos, eu concluía — ocorria logo nas primeiras palavras. E depois a trama. O romance em versão integral me pareceu melhor.

Chamava-se Conquistador selvagem, e gostei disso.

O artista que havia em mim se alvoroçou. Afinal, meu prenome era famoso por ter sido herdado de um pintor ousado sutil e encantador. Eu talvez tivesse um orgulho exacerbado' disso; desenvolvi uma espécie de interesse pessoal pela tela *The Mumpers*. Por que não? Teria sido absurdo me envolver com o de Hamlet, que não faz outra coisa a não ser sonhar, ou deixar meu espírito flamar em torno de Runymede e a Magna Carta. Dali até aqui, porém, a distância era grande e em seu lugar estava uma cidadezinha de interior, venerável, antiquada e sem ambições, com um rio, ruínas Tudor, um parque, canteiros de urzes e, no tocante a E. V. um *Lucus a non lucendo*, vastos bosques. Ah, as alegrias do orador! O *triste, triste était mon âme*, inflar o peito, arrancar das entranhas e da garganta a voz trovejante *à cause, à cause d'une femme*. Eu adoraria atacar meu sanduíche. Entretanto, comida e bebida caíam mal com a outra substância. Lembrei-me do local da minha iniciação atrás do velho Porto de Marseille, o luxo furtivo, as pequenas e secretas alcovas abafadas ostentando nas paredes todas

fotografias de rapazes atléticos e sorridentes que haviam se destacado no esporte e seguido adiante, ecoando as palavras do Mandachuva, que uma a uma o toque da vida transformara em verdade. Mas de novo eu divagara. “Alguém vai saber sobre eles?”, perguntou aquela miraculosa voz rouca, e pensei, não pela primeira vez, que haveria carícias para todos, uma imparcialidade áurea. Amá-la seria um aprendizado liberal. Não, seria um aprendizado comunista. Apenas a rosa vermelha e a branca restavam, e estavam derretendo e se misturando sob meus olhos; meus olhos miseráveis que não eram capazes de me dizer a verdade, por exemplo, sobre aquela reprodução de Goya. Um homem na forca? Uma condessa? “Disso não há perigo”, falou o velho, “comprei secretamente em Leningrado de um corcunda baixinho, um Quasímodo de duas caras da OGPU”. Era difícil conciliar tudo isso com seu discurso de Manchester sobre a mediocridade sã. “Da polícia secreta?” As palavras soaram como meias-coroas pesadas deixadas cair no mármore. “Minha nossa!” “Mas é tão raro haver”, foi a velha resposta sábia.

Providenciei para passar um momento a sós em meio aos malmequeres. Pensando generosamente sobre duas outras flores, que agora eu estava quase convencido de que me fariam conquistar a moça que senti que poderia amar, exultei. O caro Gerard disse que se chamava Calêndula, porque floresce nas *calendae* quase todos os meses. Foquei as lanternas possantes dos meus olhos nos documentos tingidos de laranja. Mas não consegui lê-los. Meus olhos, ou coisa do gênero, não eram suficientemente bons. Entretanto, eu não me contava entre aqueles que tentam, *ek parergou*, confundir *ephphatha* com *epea pteroenta*. Você deve ter notado minha preferência oriental quando fumo, e não se surpreenderia com o fato de o meu tabaco indiano, passadas meras vinte e quatro horas, estar desempenhando um excelente trabalho. Parecia quase certo que a praga seria destruída: a praga de maio, ou a praga nas rosas de maio ou no deleite que é tão ingênuo quanto uma Calêndula.

Olhando para o astuto sorriso torto que parecia encher toda a superfície que me encarava, não pude evitar recordar o velho Lord Pentarry e seu laçao. “As ferramentas devem ser fornecidas à maneira de Thomas de Quincey”, dissera ele, enquanto enxugava nas calças seu facão de poda e contemplava aquele pedaço de carne ensanguentada que já havia sido um assistente incomparável. Senti que não me cabia fazer por menos. Sempre se pode confiar na maturidade. A madureza é confiável. As moças são verdes; falei do ponto de vista da horticultura. Minha metáfora foi extraída de frutos. O nobre escocês também falara de uma fratura de lenha verde. Green era o nome da vítima. Aquelas pequenas faíscas douradas, aquelas ideias lógicas, me ocorreram como estrelas acima de um arvoredo sombrio, como disse Henry. Então surgiu a percepção ofuscante de que se não fizesse o serviço por conta própria — e não sou desse tipo —, eu estaria meramente semeando vento para colher tempestade. Era preciso refletir a respeito.

Dizem que é compacto; mas quando usei, o que senti foi o oposto. Não pensem que se trata de melindres: foi minha primeira vez. O derradeiro e rápido contato com os tornozelos ossudos, tão quentes e tão prontamente, se a grande força da Natureza desempenhasse sua função, fadados a ficarem tão frios, mexeu comigo, confesso. Embora estivesse novamente a sós, levei alguns minutos para visualizar o dilema de Henry com a calma distante que ele merecia. Aquela tia velha da sua terceira esposa reaparecera. Por incrível que pareça, uma água-viva havia tapado a solução de continuidade da sua lancha a motor. E lá estava ela de volta, e não consegui evitar sentir pena de Henry. E não consegui evitar sentir pena de Percival. Assassínatos são coisas engraçadas. O assassinato de Percival nesse dia, em lugar tão público, me pareceu injustificável. Política, entretanto, jamais fora meu forte. Para o outro, o meu próprio, embora fosse compreensível, talvez não houvesse total justificativa.

Então lá se foram os últimos resquícios da besta prussiana. Ele morrerá para conservar sua veia artística, sem ter o menor pressentimento do que ocorreria. Os lábios estavam limpos. Ele me entregou o novo instrumento e ficou ali em parte furtivamente seguro, em parte, achei, atemorizado. Senti que podia me mostrar delicado. Se você se der ao trabalho de verificar o incidente, por favor, o faça. Jamais viajo sem o meu diário. Sempre devemos ter à mão algo sensacional para ler no trem. Mas essa celebração, como a mim parecia, da morte próxima dos tolos desejos de uma mulher (desejos tolos de uma mulher que logo estaria morta), agora com inteligência conduzida, por mão estranha ainda que mais falsa, se mostrava agora ainda mais relevante. Nós que nada estudamos senão a maneira de amar uns aos outros, e que com tais pensamentos o dia raia com prazer e com eles se põe, como disse Henry, precisamos aprender a odiosa arte de como esquecer. Sim, eu teria que aprender isso.

Foi no dia em que meu amigo Sandy me disse estar convencido de que ele não dormiria a noite toda. Havia, claro, uma diferença entre nós. Eu não podia me deixar alvoroçar dessa maneira. Vejam, no dia seguinte ele teria permissão para buscar de volta *Lagopus Scoticus*, que eu conhecia bem, e essa permissão lhe era negada fazia muito. Eu gostava muito de Sandy e me alegrei com ele. Senti, porém, não pude evitar, que havia algo errado, algo desconexo na minha postura. Fiz amor de novo com Flora no devido local; o resultado foi bastante satisfatório. Eu estava no auge da disposição, mas mesmo assim não deixei de me render totalmente a Bob Martin. Afinal, ele também gostava de mim e sempre tinha razão.

Em contrapartida, cheguei à conclusão de que não a suportava; ela vivia se pintando. Entendi por que certa vez ouvira dele algo sobre ela ter as cores de Maio. E tinha também o fato de ela usar o cabelo num apanhado de cachinhos, coisa que na nossa família era enfaticamente visto como inadequado.

A hospitalidade, quando me vi refletindo a respeito, era, com efeito, uma coisa engraçada. Eu queria fazer o máximo possível para esse recém-chegado esperançoso. Minha adega, minha biblioteca, minha curiosa coleção de vermes em frascos; tudo deveria estar à disposição dele. Ele se mostrou pateticamente ansioso. E ao mesmo tempo, claro, eu queria fazer o máximo possível para May. Mostrei a ele quase tudo, e ele tecia comentários sobre tudo que via. “O senhor honra ao extremo minha casa modesta, Sir Paul”, falei. Um sujeito velho que voltaria a ser jovem! Ele chegara apenas antes do almoço; mas não há momento igual ao presente. Se não for agora, sei lá por que como um idiota eu comentei com Henry, que fez ouvidos moucos para mim, de toda forma haverá de ser. Não sou incauto. Decidido a primeiro apresentar o acônito, convidei-o a beber um copo de xerez. Tintura de Flemming poderia, e com efeito assim se deu, ser confundida com isso. Ele bebeu à minha saúde. Provou o amor sem grande ânimo e nem sequer bebeu da fonte imaculada tão próxima do céu.

A vítima, pois é assim que com relutância preciso agora chamá-lo, bloqueou todo o ar fresco que vinha da janela. Estendendo a mão, perguntou se a morte era tão diversa do sono quando se dava dessa forma. Assim pontificou. Há de temer-se a Morte pelo fogo ou pelo aço, concluí enojada, ou por veneno, sem dúvida; mas pela água... ora. Vá buscar o fundo! Ele pediu isso. Deveria permanecer iludido? Ah, sim! Ouço-o falar de campos verdejantes (lamento, mas mesmo em retrospecto o hábito é contagioso) que ele não poderia ter visto com clareza. Puxo para cima suas meias para ajudá-lo, e o empurro para fora com toda minha força. A janela já não está mais bloqueada. O tolo, com sorte, morreu. O que disse mesmo quando afinal me deixou? “Que artista morre comigo!”, ou algo do gênero. Banda, Malhada. Não, não consegui extrair daí qualquer sentido. Mas, felizmente, eu não era um detetive.

Esqueci por qual motivo estava sentada e de olhos fixos na mesa. Senti-me em frangalhos. Por que seria? Ah, me lembrei. Eu testemunhara atos carnais, sangrentos, antinaturais. E então, olhando para o fumegante Lapsang diante de mim, perdi-me em devaneios. Bartholomew até me aflagava os tornozelos, mas não tenho superstições com escadas perigosas ou desejo de comer doces. Eles lhe faziam muito mal. Foi o terceiro cão que tive em Londres. Temi, dei-me conta, de não lhe haver dado a devida atenção. Era o primeiro cão pelo qual eu me interessava, e desde o começo, aliás. Pode parecer estranho me ouvir falar essas coisas, mas você não conheceu Henry. Seja como equívoco humano, seja como produto do mesmo barro de Caim, como diz o Poeta Laureado — e ele mereceu ambas as qualificações —, pode-se dizer que conhecia seu *métier*. Senti como se grandes blocos de gelo me pressionassem a cabeça com todo o peso maciço da minha certeza.

Uma vendedora de flores, corada, aparentemente, pela esperança, entrou e teria abordado todos nós. Mas saiu apressada indubitavelmente sem proveito algum, me deixando com uma lembrança barata de flores campestres — as nossas e as de outros países: narcisos irônicos, lírios amarelos, jacintos silvestres, rosas rugosas de terras distantes e cravos. Nenhuma extravagante flor de melão, com certeza. Ah, estar na Inglaterra; quão pouco ele era citado. Porque eu era, não é mesmo? Preciso aprender espanhol um dia desses, apenas por conta daquele lento e doce nome. Fiz uma pausa para enxugar o orvalho destilado pela rosa vermelha, a única sobrevivente, e fiz um sinal que me trouxe Henry, tal qual um felino se arrastando no chão. Nisso, o velho deixou cair algum objeto metálico, e sua acompanhante o recolheu com uma rapidez filial. Os jornaleiros roucos com seus berros de fim de noite, como um verdadeiro *mal de mer*, me incomodavam um pouco. Haveria alguma nova notícia? Ela indagou baixinho o que ele queria dizer com aquele negócio sobre boas novas de Ghent.

Eu gostaria que ela me contasse mais. Eu gostaria que ela me desse alguma pista quanto ao motivo pelo qual o falecido desejava que nos conhecêssemos. Sentado ali, mordido por aqueles olhos dourados de vespa selvagem, elucubrei terrivelmente. Elucubrei assustadoramente. Realmente considero uma pena. Embebições aurorais mais uma vez deixaram Alistair com passos trôpegos, e ele pegou o ônibus para Dagenham a caminho da cabana de brassagem convertida em casa onde mora sua mãe. Espero que não haja uma recaída. Barbara passa, indo da direita para a esquerda, pobrezinha. Seu vestido é jasmim amarelo, e ela escoiceia o concreto e especialmente o abstrato com as pernas bronzeadas. Seus cachos castanhos são estilingues para caçar pássaros incautos, e não apenas pássaros. Ela sacode uma toalha impulsiva - mente, acredite se quiser, na minha direção. O que eu faria agora, se a outra se inclinasse e repetisse as últimas palavras do almirante cego? Mas os sabichões insistem que foi Kismet o que ele falou. Ele ficou sem o braço hoje. Sim, como eu me sentiria? Ela é encantadora.

Fui fiel ao tempo. Eu agira, me ocorreu, como uma espécie de autômato. Mas não estaria eu, ao me dedicar a tal tarefa nesta rua, pondo a cabeça nas bocas gêmeas de dois leões, do irmão de Mycroft e do pálido, porém imensurável, Blake? Muitas vezes, quando ainda estava na escola, haviam associado jocosamente meu nome ao de um bêbado de má reputação. Bêbado de má reputação era Kipling. E eu choramingava com a cara enfiada no sobretudo. Agradei, contudo, aos céus o fato de a zombaria infantil ser verdadeira. Eu continuava a me fortalecer. Como dorme o assassino que vai ser enforcado no dia seguinte? E como dorme o assassinado? Eu só sabia que toda essa empreitada exaustiva estava encerrada. Olhei para o outro lado da mesa e vi que ela adormecera. Uma velhinha bonita. Enfiei o ânimo afiado de Henry no espaço logo abaixo das saboneteiras murchas. Levei-o ao seu destino final e o deixei lá. Um cão latiu queixoso no aposento contíguo, mas eu poderia ter para sempre todo o suprimento que desejasse.

No dia seguinte, deixei que Caroline Jasmine — que nome! — fizesse o melhor possível pelo meu hóspede. Mas duvidei de sua influência o tempo todo. Que homem! Henry, supus, seguia em frente com seus afazeres e preocupações, por sua vez. O que é removido cai sinistramente em um balde. Por que registrei tal frase na cabeça? Apenas porque uma ferramenta que usei, e voltarei a usar, se transformou, com efeito, sob a minha mão na semana passada e disse a tal frase? E o que mais ele havia dito? Alguém supôs ser uma sorte nascer? Apresso-me a informar a ele ou a ela que morrer é igualmente uma sorte, e sei disso. Deveria, achei, servir de consolo para o meu paciente. Sem dúvida, um rematado velho agressivo desses não teria a ideia de considerar a inoculação de Mitrídates e pô-la em prática em si mesmo, certo? Que pereçam a ideia e o sujeito. Minha correspondente deslumbrante decerto me teria dito. Peguei-me pensando com uma estranha letargia nos versos do poeta:

*Mas todos fizemos uma reverência e beijamos
os pés serenos*

Do velho camarada de Henry Morgan.

Minha convidada tem, acho eu, uma beleza bizantina, como a de uma cobra dourada. Estará ou não um pouco pálida? Sanders se faz de novo visível, aparentemente melhor após sua visita lunar. Acomoda-se e contempla pela janela a água da pequena baía, absorvendo tudo. Sigo seu olhar e vejo, como Henry viu quando estava em casa em Woodstock, árvores retorcidas em frente à casinha de janelas grossas e uma área frontal de vegetação singularmente colorida com a consistência semelhante à de estolas de pele: uma escarpa de morro sob uma nuvem comprida. Eu nada dei a ela. Ela me deixou ver o original da carta do falecido. É engraçado, bastante assustador, sentir a mão úmida de um esqueleto pondo a dela entre as minhas. Por quê?, me pergunto. Não que possa realmente já ser um esqueleto; pode ser... pior: uma massa asquerosa de putrefação detestável.

Sempre gostei de ouvi-lo. Era o Dia de São Wigbert, me disseram, e Augustus, me lembrei, era um sujeito gorducho. Eu vinha ficando um bocado esperto nesse sentido. Ele falou que o enteado havia sido incompreendido durante muito tempo e se fora hoje.

Falou que seu terceiro filho havia sido rude. Não entendi totalmente; mas me regalei com um bom Tate. Ela disse a ele. Ele disse a ela. A consequência foi bastante tenebrosa, mas fora de casa. Eu também tinha ficado meio enjoado com a maneira como os dois se portaram; um jeito parecido com o daquele Tom e a Jasmine da Flora. Talvez fosse isso mesmo. Eles estavam travando a primeira briga, sobre cores e odores. A preferência dela era por Dark French Grey e a dele, por Egg Shell Green. Mas eu sabia que superariam a contenda. Eu superara. Mas cada um deles, também, começou a falar sobre quão pouco o outro tinha feito com o ano já tão adiantado. Não sei por quê, mas senti como se ratos estivessem dançando sobre a minha sepultura.

O velho então se sentou em meio às urzes diante de um prato de pedaços marrons de carne. Pessoalmente, no que diz respeito ao meu estômago, não me aprazia muito o gosto de cervo, nem na charneca nem com uísque para afogar o sabor. Nem era provável que isso acontecesse nesse caso. A ausência de velhos amigos pode ser suportada com serenidade. Mas até mesmo uma separação momentânea de alguém que acabamos de conhecer é quase insuportável. As circunstâncias, pensei, enquanto observava o homem, alteram as coisas. Eu daria ao vigarista uma chance. “Sua memória é boa?”, perguntei. “Intermitente, mas longa”, respondeu ele. Isso assinou sua sentença de morte. Bom, assinaturas eram o negócio dele. O ouro ia se apagando com a claridade; a prata remanescente era, como diria?, insatisfatória. Eu também exibira o penacho — que no momento se encontrava abaixo dos meus lábios — ao público sem jamais ter me sentido satisfeito com ele.

Enquanto minha mente estivera bem longe, um velho de aparência grotesca adejara como um morcego até o assento entre nós, e agora depositava, com o amargo *sang-froid* dos que não são deste mundo, uma surrada jaqueta de caçador de tweed rosado sobre o parquet glacial. Pensei conhecer o tipo: erudito de uma forma macabra, até mesmo distinta; alguém com dinheiro suficiente para permanecer intocado pelas convenções, porém que ao mesmo tempo reserva mil carruagens bem equipadas — de ouro, naturalmente — para a ruína de um mundo materialista. Aproximando um fungo da outra ruína dourada à minha frente, cogitei internamente sobre o que estaria fazendo um ermitão tão óbvio em meio às luzes brilhantes desse local notoriamente *soigné*. Um cão emitia um evidente lamento a distância. As cabeças estavam muito próximas uma da outra. Os uivos da besta infeliz me incomodavam, e agradei quando cessaram. Você fará, Oscar, você fará. Sempre considere o sarcasmo de Whistler uma ofensa pessoal. Estariam todos os meus feitos reservados para o futuro? Não me caberia fazer nada no presente? Tudo parecia tão idiota.

Na minha juventude, me incomodava ter o mesmo nome que o almirante de Newbolt e o sargento de Shakespeare, e me aborrecia o fato de quando era estudante ser conhecido como o Homem que ri e sob o manto leva uma faca. Mais tarde, achei melhor na vida profissional grafar em maiúscula a minha terceira letra. O Capacete de Júpiter continuava em seu lugar no dia seguinte; na verdade, eu tinha conhecimento suficiente para não mudá-lo de posição. Cheguei mesmo a achar que estava funcionando. A amante da neve, diletante, de mão delicada? Ao menos, fui o último. Eu não diria que sendo o último fui o de menos. Tentei interessá-lo no meu modesto Museu Negro e, na verdade, causei um *frisson* com o globo ocular preservado do conhecido e respeitável Cadáver Charlie, olho no qual, pouco antes que seu companheiro fosse alvejado pelo tira de Chicago, ele havia perguntado ao distinto detetive se ele, o detetive, conseguia ver o verde. Aparentemente, porém, Henry andara brincando com esse item da coleção. Eu teria que tomar providências.

Os dias do meu passado tinham sido tão diferentes. Não havia o consolo, a sensação de indulgência ou de aventura que existem agora. Ataquei a última das ostras e alguém levou embora as conchas vazias. Era tudo, como eu disse, tão diferente. Escorregar pela bombazina do joelho da minha tia-avó, quanta frivolidade! E tudo que ela desejava era me dar uma palmada. Quanta frustração da sua parte, e incidentalmente da minha, quando ser cuidado por ela e me submetera suas histórias significava ter acesso ao pote de caramelos de Devon ou a balas de menta. Perguntei-me o que Henry pretendia me apresentar em seguida. Eu dispunha de muito tempo, atestou meu relógio. Meus olhos haviam buscado tolamemente a desolada face do carrilhão próximo, e depois se desviaram. Meu relógio tem que ser o meu mentor. Senti-me talvez estupidamente pronto para algum tipo de revelação ou, no mínimo, reavaliação cardíaca.

Mas meu coração palpita, ó amado!

Filho de Deus com seu orvalho

*No teu gracioso cabelo dourado, e esses lírios ainda vivos
e azuis*

*E tubulações em todos os banheiros, e luminárias
com molduras leves demais,
Mas M'Cullough morreu nos anos sessenta e — ora,
eu vou morrer esta noite...*

Não foi o autor de Tales of Wayside Inn que disse que as crianças são os poemas vivos e que todo o resto está morto? Acaso a trovadora de Wimpole Street não disse que elas estavam unindo seus corações para que não fossem partidos com a mortalha da sepultura? Enfim, a hora deles chegara e agora já passara; acabara de passar, mas de forma enfática, e eu não podia sentir pena. Sabia, depois de argumentar mentalmente até fundir os miolos — Tico e Teco, Pró e Contra, travaram um embate ruidoso na quadra principal entre os dois lobos do meu cérebro —, que se não tivesse prova tangível contra o outrora espanador do meu chapéu, me restava meramente a lanugem de semiconvicção contra o outro. Que o processo de raciocínio dele, quando interceptei sua mensagem, tenha sido chamá-la pelo nome que se dá à semana de encerramento do ano acadêmico em Cambridge, sem dúvida, não me ajudou em nada.

Claro que ergui os olhos. E lhes digo que achei de fato impressionante ver meu próprio nome do outro lado da janela, impresso ali em letras garrafais para que Deus e todo o mundo vissem. Com um leve rubor, voltei a me concentrar em Henry, e me perguntei se suas atividades recentes teriam ou não o grau de excelência. Com um derradeiro afago na barbicha, o outro sacudiu e espalhou as cinzas sagradas. A agricultura estava para acolher de volta seu filho, aparentemente, e me alegrei de ver pela última vez aquela corcunda ampla. Não atinei com o porquê de subitamente me lembrar de Yeats; então me ocorreu: encontra-se emoção naqueles que montam cavalos. Era em Galway, claro, que anualmente celebravam o Coronel Anthony. Boa sorte para ele. Eu realmente não gostava de crianças. Um casal de pimpolhos entrou saltitante, se aboletando a meu lado como pardais e desvirginando um pacote de jujubas enquanto saltitavam. Como eu conseguiria me concentrar? E Henry estava à minha espera.

Eu sabia, claro, que se chegasse lá em cinco minutos teria o dobro do tempo para minha visita nada suburbana ao Café Royal, sem insultá-lo ou a mim com os preparativos de John Montagu para uma sessão ininterrupta à mesa de jogo. Senti-me tão afinada com o Sagrado sr. Herbert. Ou acaso se chamava sr. Haddock? No entanto ele tinha razão quanto a essas horas, e se isso não fosse sagrado o que mais haveria de ser? Decerto ele nos confundira com casos falsos. No momento não vinha ao caso. Porque eu decidira o que fazer. Leda e Hebe, dei de beber ao meu cisne, e então puxei uma folha de papel para perto de mim. Peguei a caneta, depois de tê-la pousado vez após vez, e vendo que havia tinta suficiente, fui em frente. De forma clara e concisa, ignorando por completo meu contato com a sua infância, contei tudo a ele, hora a hora, dia a dia, desde a concepção até a consumação do ato tenebroso.

Agora acho que vou provar uma xícara do que eles insolentemente chamam de Golden Tips, um delicado Tippy Tea. Depois, proibem gorjetas com um imperioso “No Tips”. É muito desanimador. Enquanto espero por ele, e possivelmente por ela, examino a única literatura à minha disposição. O que vem a ser um Loganberry Kiss? Será que ao menos se parece com o Lovers Punch, que machuca e é desejado? Estranho imaginar que neste exato momento Catherine está se tornando uma Somerset diante do altar. A coisa toda me traz à memória a época em que nos encontrávamos nos arredores de Jifjaffa, e o Padre me disse “Eu preferia ter escrito esse poema a tomar óleo de rícino pela manhã” enquanto eu lia para ele a minha “Ode sobre os Prenúncios da Imoralidade na Primeira Infância”. Ora, ora. Com que nitidez sempre que me aventuro a comer um ensopado me lembro do ensopado que partilhamos naquela noite. Tudo me volta à cabeça. As circunstâncias todas desse encontro são muito misteriosas. Ele faz com que eu me borre de medo, se me permitem a expressão.

Ter dormido e acordar de supetão em meio a uma atmosfera em que Tico e Teco travavam um embate vigoroso na minha cabeça soou quase como um sacrilégio. Aquele era o dia em que eu faria uma coisa que jamais fizera antes. Olhei para Henry e senti um leve enjoo. Tomei duas pílulas. Eu trocara com demasiada rapidez — talvez não fosse meu desejo progredir tão em desacordo com a minha lentidão ordenada — de um cenário para outro. Ali não era Dorset; mas sussurrei para mim mesmo que Ellen Brine de Allenburn não voltaria nunca mais. A conexão era óbvia. Que dia, pensei, para despachar Paris e Leônidas. Cambridge ou Termópilas? Mas Paris? Jamais na escola o considerei de forma alguma capaz de curar. Na verdade, não ouvira falar em John Ayrton até então. *Ouvre ton âme et ton oreille au son de ma mandoline: pour toi j'ai fait, pour toi, cette chanson cruelle et caline.* Mas eu não estava pensando em John Ayrton.

Ele ficou de pé e baixou os olhos para mim; mas eu não me apressaria. O dinheiro mudou de mãos lentamente; pois meu desejo era ser capaz de descrevê-lo. Aparentemente ele tinha muita confiança na opinião dos seus médicos. Fico feliz, no entanto, por ele ter decidido, afinal, tomar uma atitude definitiva e agir de acordo com o conselho profissional adequado. Mas havia médicos e médicos, eu teria que refletir seriamente a esse respeito. E depois ele se foi. Partiu. Pura fé ou blefe normando? Mas aquele Douglas chamado Norman era, talvez, menos terno e mais verdadeiro. Meu coração se expandiu assim que o diligente impostor se foi de mim. Foi-se num sentido relativo, ai! não de forma positiva e definitiva. Essa era uma consumação intensamente desejada, mas ainda por ser alcançada. A quem eu confiaria isso? Pensei em May. Talvez sim. Talvez não. O pôr do sol já era roxo-avermelhado acima de Quarry Hill, como um hematoma no seio da noite.

E ela usava um laço lilás no peito e as pontas eram desiguais. Ele disse que dera o nó de maneira certa, mas que não tinha conseguido achar aquela coisa chamada tesoira, como diria Jasmine. Eu tinha idade suficiente para me lembrar dela; não foi ela a que matei. Ele lera em voz alta a respeito de uns olhos potentes e brilhantes, velozes como as estrelas, firmes como o Sol, cinzentos, como já foi dito, de uma cor cinza-azulada; grandes o bastante, mas não de tamanho exagerado; quase sempre com expressão vigilante e sensação penetrante, presteza em profundidade. Quando ela perguntou por que ele escolhera esses olhos e a quem pertenciam, ele respondeu: Fred, o Grande, e porque era o último dia em Potsdam. Eu começara o dia com um xampu seco, algo que eu adorava, principalmente no peito já velho. Uma perda de tempo, porém, como se verificou depois. Claro que eu deveria ter tomado mais cuidado com tamanha frivolidade. De repente, senti que pusera meu pé naquilo. Mas eu ainda tinha mais três.

Imagino vagamente por que o velho morto tanto queria isso. Eu trabalhara para ele, Henry trabalhara para ele. Se pudesse me levantar, quando, acredite, não posso, eu teria algo a dizer a ela. Ela me aprecia de cima em regozijo, a boca cor de sangue no rosto bonito com sardas de puma. Por que eu haveria de pensar em Henry nessa altura específica? Entendi. A Scotland Yard, claro. E pouco se me dará. Algo lamentável a ser constatado por último: a gardênia se desprende da lapela. Ele, o galo velho descuidado, passa sorrateiro pela Woolsworths e ela prossegue a todo o pano em direção ao Kursaal, tão viçosa — ah, que mulher cruel é você — quanto as flores-de-maio. A moça está sorrindo para mim. Isso não é bom. Aqui eu me desvencilho do mundo, me afasto da congregação do homem. Ó, mulher execrável. Você não faz ideia de como sinto apertar-me o coração; mas eu, sim. Henry, dou-me conta, está pela primeira e última vez escapando-me das mãos. Adeus, Henry. Ele escorrega e cai...

Em 1934, o compilador de palavras cruzadas do *The Observer*, Edward Powys Mathers, escreveu um romance ímpar: *A mandíbula de Caim*. A obra, que faz referência à primeira arma assassina de que se tem notícia, foi escrita sob o pseudônimo de Torquemada. A história não só era um suspense policial; era também um dos quebra-cabeças mais intrigantes já publicados.

O leitor precisará identificar seis assassinatos distribuídos em 100 páginas impressas em ordem totalmente aleatória. Existem milhões de combinações possíveis, mas apenas uma é a sequência correta. Com muita lógica e uma leitura perspicaz, pode-se organizá-las na progressão certa, de modo que se revelem seis vítimas de assassinato e seus respectivos algozes. O quebra-cabeça é extremamente difícil, a solução do problema permanece em segredo e até hoje apenas três pessoas conseguiram decifrar o enigma.

Será que você consegue se juntar a esse grupo seletivo?

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1223/>

